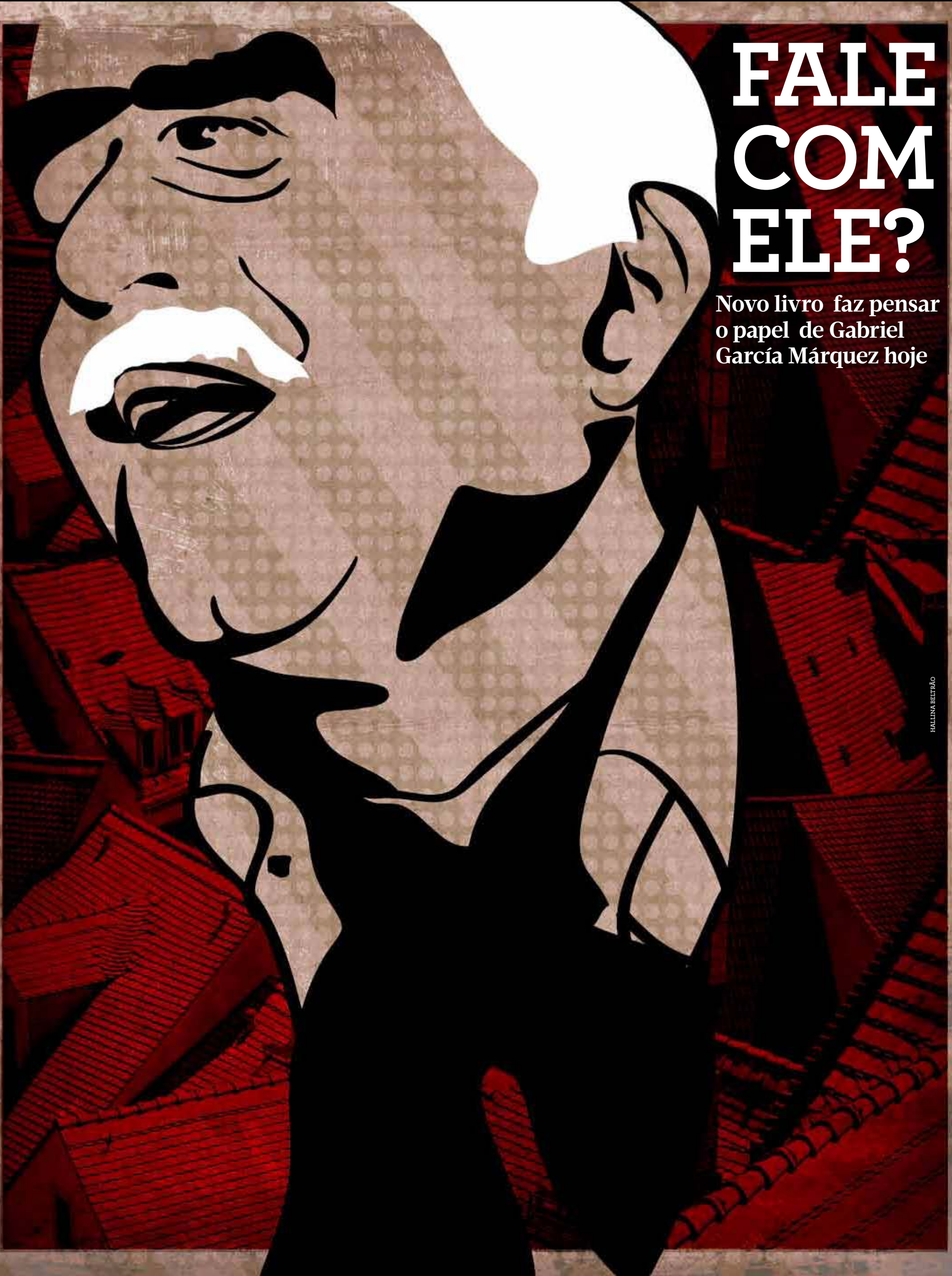


PERNAMBUCO

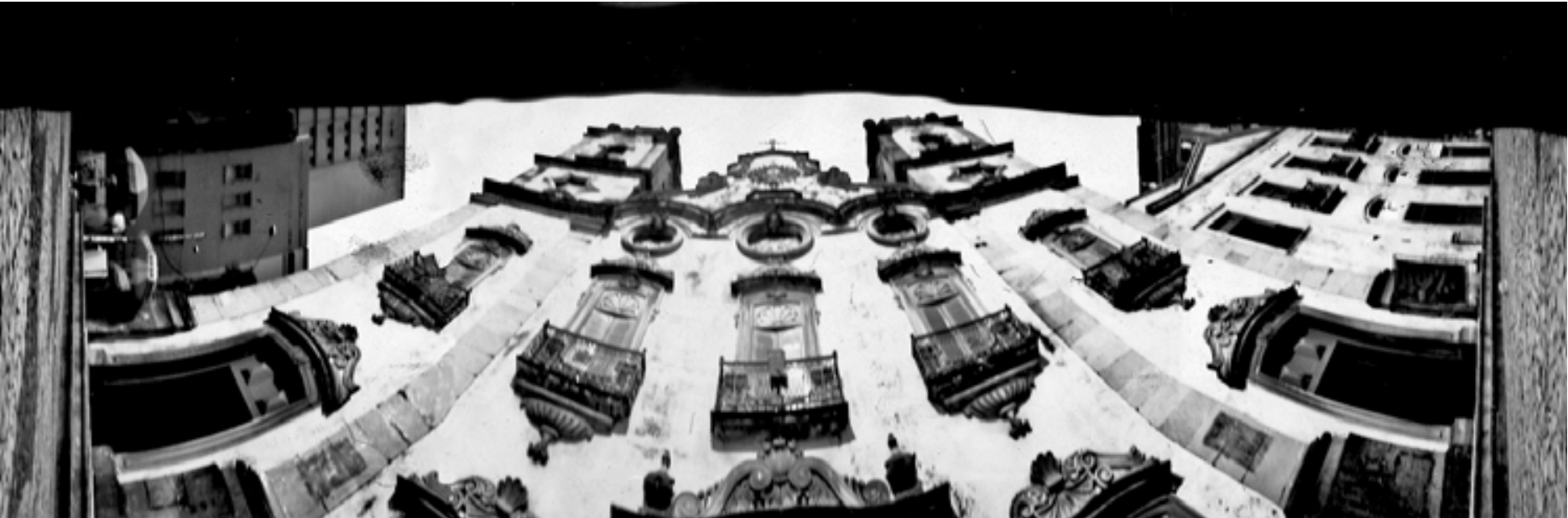


FALE COM ELE?

Novo livro faz pensar
o papel de Gabriel
García Márquez hoje

HALLINA BELTRÃO

GALERIA



GUILHERME LYRA

O projeto fotográfico começou na Espanha em 2008 quando transformei uma caixa de guardar chapéu em uma pinhole. A ideia foi usar a forma cilíndrica da câmera para gerar imagens panorâmicas de 360  não planas. Em Barcelona, as primeiras fotos mostram lugares do meu cotidiano visual. Quando voltei ao Recife, segui com o projeto na minha cidade natal e atualmente fotografo o Rio de Janeiro, cidade que moro. Com mesmo critério, as fotos mostram lugares vistas no meu dia-a-dia.

http://www.flickr.com/photos/lyraguilherme

CARTA DO EDITOR

Essa não é a primeira vez que o Pernambuco se debruça sobre Gabriel García Márquez. Em 2007, fizemos um especial sobre os 40 anos de Cem anos de solidão, livro marco que ajudou a construir a nossa ideia de literatura hispano-americana. Nessa época, o foco foi Macondo, a cidade mítica que virou uma espécie de espelho da h st ria do Continente. Ano passado, Raimundo Carrero escreveu uma cr nica bastante curiosa explicando os motivos dos livros do escritor nunca pararem muito tempo em sua estante. Deu até vontade de dar uma outra lida nessa cr nica, quando estávamos para fechar essa edição. Aqui vai um trecho: “O curioso, todavia, é que a partir daí nunca pude ter Cem anos de solidão nas minhas reiteradas bibliotecas – foram tantas as cheias, em Casa Amarela, no Parnamirim, na Chora Menino – devoradas pelas guas. Mas o livro sempre desaparecia – em edições normais ou de bolso. Sempre. Passei, então, a compreender que até mesmo os livros e os seus donos têm destino. O meu é o de não poder consultar o volume sempre que queira, os Buend as não suportam a poeira das minhas estantes”. Por sinal, você pode conferir a íntegra desse texto pelo nosso site, www.suplementope.com.br.

Para essa edição, García Márquez volta a ocupar lugar de destaque. Adiantamos aqui o conteúdo do seu novo livro, formado por discursos, que a Record lança no Brasil apenas no segundo semestre. Aproveitamos também para falar do volume da revista Granta, voltado a apontar quais são os autores de língua espanhola que prometem uma carreira espetacular. Será que entre eles há outro García Márquez? Ou será que importa ser García Márquez ainda nesses tempos de ascensão meteórica e midiática de Roberto Bola o? Perguntas que nossa reportagem de capa procura responder ou, ao menos, problematizar. Um dos destaques dessa edição é Sueli Cavendish. A professora do Departamento de Letras da UFPE nos enviou traduções inéditas de Wallace Stevens, um dos nomes mais importantes e impactantes da literatura moderna. Há muito tempo que a gente vem querendo trocar uma ideia com Reinaldo Moraes, um dos mais instigantes autores brasileiros hoje, que conversou com o repórter Diogo Guedes sobre a atenção que a crítica e o público tem dirigido ao seu trabalho nos últimos tempos. É isso, boa leitura e ótimo carnaval!

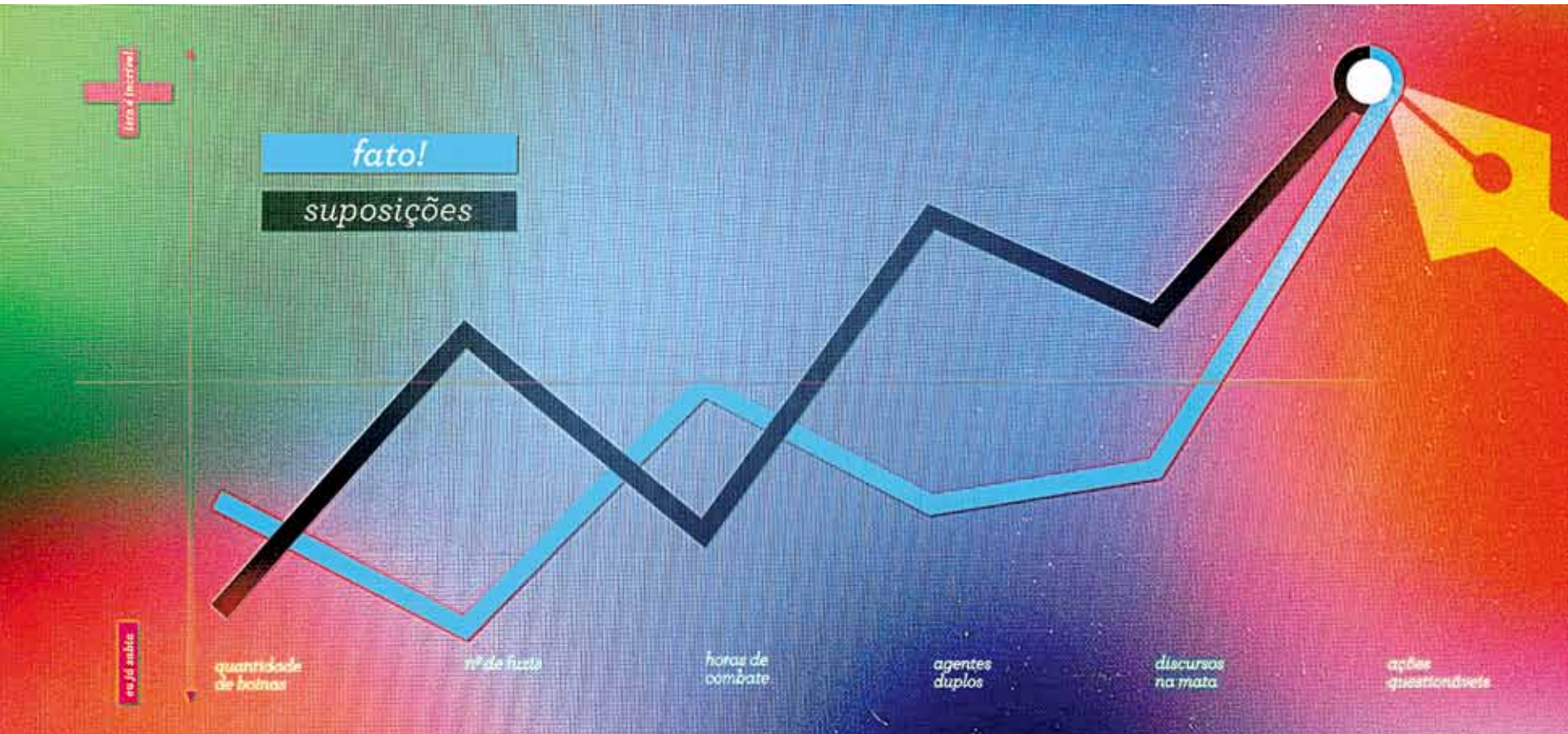
PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos
Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar
COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:
Mário Hélio (Presidente)
Ant nio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzil Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana D ria Matos
SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Lu z Arrais
EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani
REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo
ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas, Militão Marques e Sebastião Corrêa
PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes
MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão
COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva
Cepe EDITORA
PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

FLÁVIO PESSOA



Na ficção, todos os envolvidos são de fato reais

Autor explica sua “biografia” de Che e questiona o que move a crença num romance

Marcelo Ferroni

Mimi hapana motocar. Eu não sou caminhão. Encontrei essa frase enquanto lia *A ditadura envergonhada*, de Elio Gaspari. Num capítulo em que Gaspari faz um panorama do cenário político mundial em meados dos anos 1960, e trata da expedição revolucionária de Che Guevara no Congo. Uma missão de loucos; Guevara – codinome Tato – e seu séquito de cubanos, tentando fazer os rebeldes treinarem para enfrentar mercenários belgas. Che queria que eles marchassem com 40 quilos de pedras nas costas, e os congoleses não viam sentido naqueles exercícios. Então falavam: Mimi hapana motocar. Ou Mimi hapana cuban, eu não sou cubano.

Em seguida, li uma biografia que me caiu nas mãos, escrita por Daniel James. Publicada três anos após a morte de Guevara, estava cheia de lacunas e suposições. O narrador tomava partido, de certa forma tentava explicar os vazios que então existiam. Os ancestrais de Ernesto Guevara Lynch, dizia o autor, haviam participado da corrida do ouro no Oeste Americano. Pensei: poderia fazer um romance sobre a vida de Guevara, começando no Oeste Americano. Ao ler outras biografias – notadamente a de Jon Lee Anderson –, decidi focar meu livro em um período mais restrito, que abrange apenas os dois últimos anos de Guevara: a preparação para a guerrilha na Bolívia até sua captura, em outubro de 1967. Essa foi a gênese de *Método prático da guerrilha*, minha história particular sobre Che Guevara.

Comecei a escrever uma primeira versão do texto em 15 de maio de 2004. Fiz, no total, três versões do zero, e uma quarta, editando pesadamente a terceira. Terminei o livro em março de 2009, alguns dias antes do nascimento de Antonio, meu primeiro filho. Comecei a escrever em São Paulo. Terminei no Rio de Janeiro, onde moro atualmente.

Escrevi o livro por uma série de motivos. Discutir a mitificação de alguns personagens; questionar o método das biografias atuais, que reconstroem o biografado para encaixá-lo numa história de superação; e até recriar, no meio da selva boliviana, a relação de poder entre chefes e subalternos. Não escrevi uma história verídica. Ao contrário, usei uma história verídica para fazer um romance.

“Podemos esperar obter informações sobre lugares e épocas a partir de um romance?”, escreve Nabokov, em *Lectures on literature*. “Será que alguém seria tão ingênuo a ponto de achar que poderia aprender algo sobre o passado com aqueles polpudos best-sellers alardeados por clubes do livro sob a rubrica de romances históricos? (...) Certamente que não.” Da mesma forma como não podemos ler *Bleak house*, de Dickens, “esse romance fantástico sobre uma Londres fantástica”, escreve ele, como um ensaio sobre a capital inglesa no século 19.

Distorci os detalhes; coloquei trechos de diários de um guerrilheiro na boca de outro. Criei um nar-

rador que não só se confunde, como toma partidos errados ao tentar reescrever a história de Guevara. Um pouco como Daniel James, talvez. E inseri, nessa saga boliviana, um personagem inexistente: o brasileiro João Batista. Todas as outras figuras são reais, por mais absurdas que pareçam, com a exceção de um ou outro figurante que entra e sai de cena sem dizer nada.

Ao terminar meu quarto manuscrito, em março de 2009, passei cerca de um ano e meio para finalmente vê-lo publicado. Primeiro, eu o enviei a leitores mais próximos e, após suas sugestões, fiz leves modificações. Mostrei em seguida o manuscrito a Roberto Feith, meu chefe na Editora Objetiva. Conversamos, ele gostou do livro, mas achou melhor não publicar na editora. No entanto foi fundamental para que o livro fosse avaliado pela Alfaguara, na Espanha, que deve publicá-lo em outubro deste ano.

Na metade de 2010, André Conti, da Companhia das Letras, o leu e propôs sua publicação. Me ajudou muito em todo o processo, e o romance saiu no final de outubro do ano passado.

Nesse momento, após certo silêncio do pós-lançamento, penso menos no livro. A rotina segue, e não posso reclamar da rotina. Tenho de negociar novos títulos literários e editar as traduções que lançaremos em 2011. Ver meu filho de um ano e nove meses aprender a falar a palavra azul. Acompanhar minha mulher a um novo obstetra: ela acabou de ficar grávida de uma segunda criança. Ler clássicos policiais nos tempos livres, e me embrenhar nos romances de Raymond Chandler (e os itálicos dos policiais; e as mulheres de Marlowe: “*She was worth a stare. She was trouble.*”). Penso num assassinato com reviravoltas para meu próximo livro.

No momento em que escrevo esse texto, fiz cerca de 90 páginas de uma versão inicial do romance. Devo fazer mais três ou quatro versões nos próximos anos, se conseguir chegar até o final dessa. Alguém disse que escrever um romance não nos habilita necessariamente a fazer outros. Passei o último ano e meio trabalhando num projeto que achei que daria um grande livro. Não deu; pelo menos não da forma como está. Espero que com esse seja diferente. Tenho insônias e ansiedade, penso nele dia e noite, e creio que isso só pode ser um bom sinal.

O LIVRO



Método prático da guerrilha
Editora Companhia das Letras
Páginas 234
Preço R\$ 41

As etiquetas que dão sentido ao mundo hoje

As *hashtags* que indexam assuntos são só a ponta do iceberg da *web* semântica

Luiz Carlos Pinto

CARTUNS

JARBAS DOMINGOS
JARBAS.DOMINGOS@ASSOCIADOSPE.COM.BR



KARINA FREITAS

[illegible]

Está em curso um enorme esforço para tornar a *web*, o ambiente gráfico desenvolvido no final dos anos 1980 e que tornou a internet fácil de usar, mais que um repositório de dados. Esse trabalho, realizado por filólogos, sociólogos, cientistas da informação e, claro, os profissionais do *software*, deverá impactar a forma com que as coisas são percebidas, descritas, enunciadas, caracterizadas e classificadas em nossa sociedade, no nosso tempo. Algumas das muitas questões que essa gestação tem sugerido: dela resultará uma forma de conhecer nova? Qual a prosa do mundo que poderá emergir?

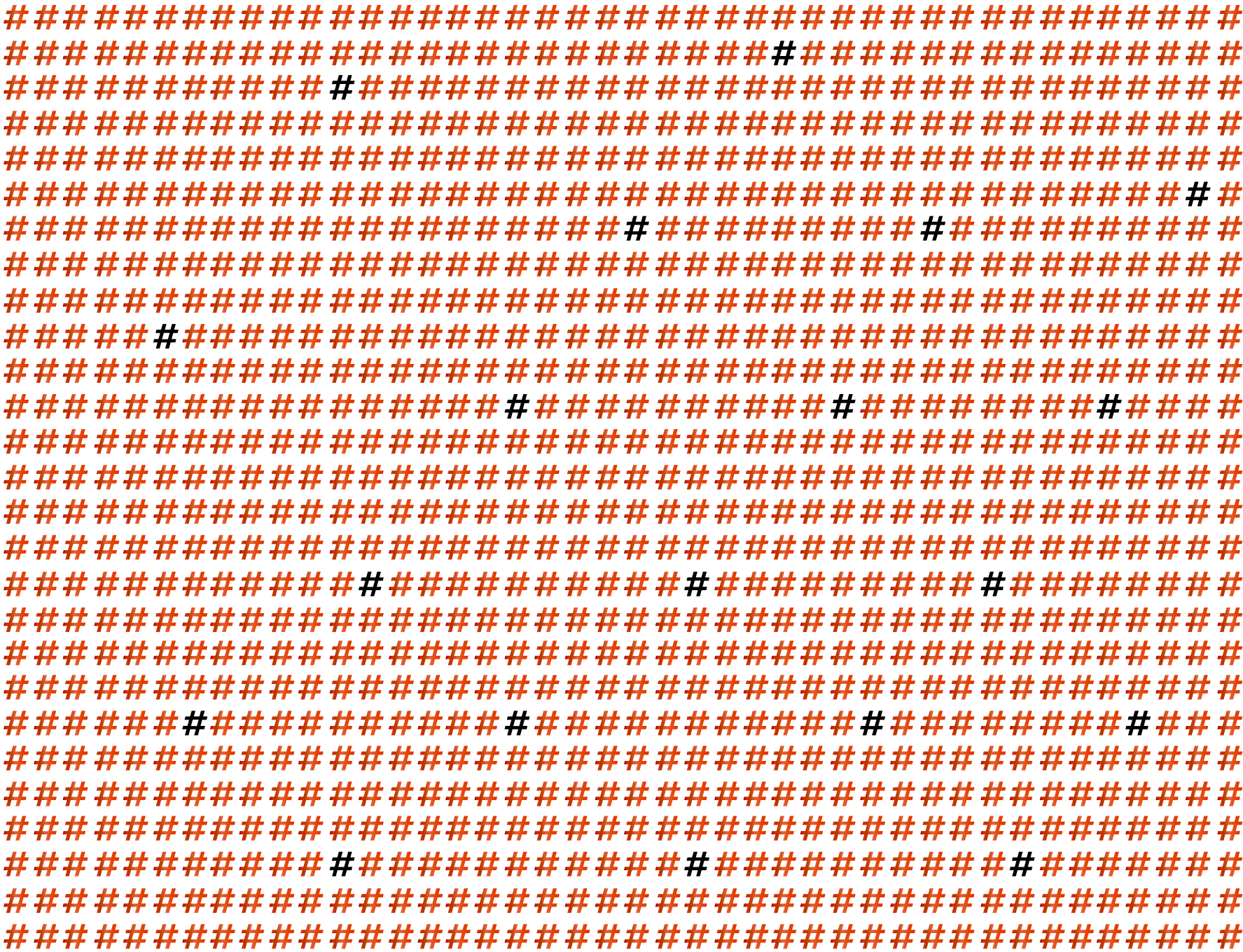
As perguntas evidenciam uma ambição que é proporcional ao projeto de construção de uma *web* semântica, o próximo passo evolutivo do ambiente desenvolvido pelo físico Tim Berners-Lee no final dos anos 1980. A evidência mais comum desse esforço (a ponta do iceberg) chega aos usuários comuns da rede mundial de computadores na forma das etiquetas, ou *hashtags*. A pergunta que não quer calar é: o que é, ou o que virá a ser, uma *web* semântica?

“É extensão da atual *world wide web*, resultado de uma série de providências que acrescentam informações extras aos dados já disponíveis e aos futuros dados que vierem a ser incorporados para dar-lhes significados”, explica Alex Sandro Gomes, pesquisador do Centro de Informática da UFPE. “No fundo, é um trabalho de criação de vocabulários que contribuem com a catalogação de informações”, complementa Carlos Cecconi, da W3C, o consórcio de empresas que planeja padrões para a internet. A biblioteca de Alexandria já fazia isso, portanto, não é propriamente uma novidade que nenhum estudante de ciência da informação (anteriormente conhecida por biblioteconomia) desconheça. O que há de novo é que essa monumental tarefa precisa ser feita de tal forma que torne possível às máquinas gerar inferências para usos não humanos.

O que isso significa? “Bem, pretende-se que na *web* semântica toda a informação seja organizada de forma que não somente seres humanos possam entendê-

la, mas principalmente as máquinas entre si”, afirma Alex Sandro Gomes. O próximo passo evolutivo da *web* incorpora o significado às informações. Isso permite um ambiente em que máquinas e usuários trabalhem em conjunto. Na medida em que cada tipo de informação é devidamente identificado, fica mais fácil para os sistemas encontrarem informações mais precisas sobre um determinado assunto – reduzindo a ambiguidade. O ambiente de que estamos falando terá informações devidamente identificáveis, onde sistemas personalizados possam manipular, compartilhar e reutilizar de forma prática as informações providas pela *web*.

“Hoje, um dos principais problemas é que a capacidade de gerar informação – útil e inútil – excedeu a habilidade para gerenciá-la”, já lembrou Clay Shirky, escritor e professor em Novas Mídias de Comunicação, da Universidade de Nova York no documentário *Web 3.0*, realizado pela psicóloga Kate Ray e disponível na *web*. Em termos pessoais isso é fácil de constatar. É possível afirmar que estamos nos afogando em nossa própria riqueza. Não é à toa que ganhou importância e procedência nos últimos anos o extenso cardápio de reflexões sobre a chamada economia da abundância, a economia do imaterial, à qual estão vinculadas a crise do conceito de valor e de várias outras categorias da economia política clássica e neoclássica. Mas isso fica para outro dia. “Dispomos de toda essa informação, todos esses pontos de acesso e verdadeiramente não há uma maneira efetiva de ajudar a controlar tudo”, complementa Shirky. Exceção à velha estratégia do esquecimento, posto que esquecer também salva. Que o diga, aliás, Funes, o personagem memorioso de Borges, cuja incapacidade de esquecer se converteu numa doença – “Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança aos veios de um livro encadernado em couro que um remo levantou no rio Negro às vésperas da batalha do Quebracho”.



É justo pela falta de mecanismos mais sutis de desambiguação e pelo excesso de informação que hoje a escolha do que é de fato útil tem de passar necessariamente pelo escrutínio manual. A maior parte dos profissionais envolvidos com a construção de uma semântica para a *web* vê a oportunidade de que possamos descrever nosso mundo em termos que sejam mais práticos para que a máquina possa trabalhar com eles – o que não é o mesmo de fazer com que as máquinas pensem exatamente como as pessoas. O que está em pauta é uma reorganização da informação de nosso mundo real (de nossa cultura, vale dizer) disponíveis na rede – e não a construção de cérebros de silício.

É nesse sentido que a incorporação do símbolo # às palavras como regra para concentrar e indexar assuntos e informações de interesse comum – *hashtags* – é apenas a ponta do iceberg. Até porque usuários dos canais IRC e de *chats* já faziam há anos uso desse procedimento, que se popularizou graças à penetração do *Twitter* – a rede de microblogs mais acessada atualmente.

Mas de que maneira esse trabalho de etiquetamento (muitos experts usam a feia palavra *tagueamento*) pode ter impactos tão ambiciosos – e que serão nos próximos anos no mínimo interessantes de acompanhar? Primeiro, porque a ambição dos principais envolvidos nessa hercúlea tarefa vai além da redução da ambiguidade das informações em rede. “O que se pretende é que seja possível criar sistemas que possam explorar essa web e resolver problemas, responder perguntas complexas, fazer grandes descobrimentos e interconexões entre áreas diferentes do conhecimento”, afirma Cecconi. Há quem considere logo ali no horizonte a real chance de materializar a noção de inteligência coletiva com a qual Pierre Levy vem martelando seus leitores há anos. Segundo, porque atribuir sentido às informações disponíveis na rede implica na criação de vocabulários a partir dos quais as máquinas possam desenvolver inferências, interpretações. O que não deveria ser visto como algo completamente novo ou estranho.

Uma certa arqueologia permite expor a dimensão do possível para a web semântica. A arqueologia em questão é a do conhecimento, desenvolvida por Michel Foucault na década de 1960. É interessante recordar como o filósofo francês revisita a episteme do século 16 ao século 19 na tentativa de identificar as condições necessárias para que o homem passasse a se tornar objeto do estudo científico.

Nesse percurso, Foucault identificou o século 16 como a Idade da Similitude, na qual as relações entre as palavras e as coisas eram marcadas pela semelhança, pela correspondência direta. A semelhança mágica ou tradicional entre palavra e coisa permitia a ação sobre o mundo, através das palavras. Até o fim do século 16, a linguagem era semelhança, repetição da realidade, e assim desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental – com as suas respectivas consequências. E seguiu assim até o alvorecer do século 17 e meados do século 18, a Idade da Representação. O saber se reconfigura. As palavras e as coisas separam-se como amantes na madrugada. Foucault afirma que nesse segundo momento o pensamento deixa de se mover no elemento da semelhança. A compreensão entre as palavras e as coisas passa a ser marcada pela mediação científica, a episteme busca sua fundamentação na Representação.

E é a figura do cavaleiro da triste figura que exprime a primeira brecha para que o homem e não as coisas se torne o objeto do saber: a verdade não está nos livros, na tradição ou na magia. A loucura de Dom Quixote é o exílio possível de um mundo em que se rompeu o laço que atava as palavras e as coisas.

A segunda brecha só vem acontecer no curto século 19, como o nascimento da Filologia, da Economia e da Biologia, com a busca dolorosa das estruturas atrás dos fenômenos e a superação do racionalismo ingênuo da idade clássica, a linguagem volta-se para a descrição dos esqueletos dissimulados dos objetos. Ou seja, o terreno da Interpretação. Como diz Foucault, cala-se a plenitude clássica do ser e instaura-se a era das interpretações. A partir das ideias de finitude e

de historicidade, este homem – moderno, demasiado moderno – é uma invenção recente que passar a ocupar o ‘posto’ de sujeito de um conhecimento de validade temporária.

Mas e daí? Qual a relação da arqueologia do conhecimento desenvolvida por Foucault e a *web* semântica que vínhamos comentando? É que o advento da forma moderna de conhecer, segundo o filósofo francês, parece ser aprofundada e radicalizada com o desenvolvimento de vocabulários que possam ser utilizados por máquinas lógicas para a geração de inferências e de Interpretações.

Essa perspectiva se recobre de uma certa dramaticidade se lembrarmos que a soberania do homem como objeto e artífice do conhecimento para Foucault é ilusória – ou não é definitiva. A ideia moderna do homem é resultado das mudanças na forma do saber, de modo que, de acordo com Foucault, quando essa episteme se modificar o homem ‘morrerá’ – afirmação pela qual o filósofo foi acusado de anti-humanista e que o levou, ao menos em parte, à produção de *A Arqueologia do saber*, anos depois de finalizar *As palavras e as coisas*.

A expectativa de que os esforços para a construção da *web* semântica permitam a criação de sistemas modernos, a solução de problemas, a resposta a perguntas complexas encerra uma certa faceta enciclopedista em busca desse desdobramento da *web*. É também a que autoriza uma reflexão sobre o aprofundamento da episteme moderna, na qual a linguagem volta-se para a descrição dos já mencionados esqueletos dissimulados dos objetos.

Restam, como esperado, diversas dúvidas em torno da edificação da *web* semântica: A possibilidade dessa organização do mundo real em base digital pode mesmo conduzir à questão do sentido do mundo – a velha questão em torno da qual se debate a filosofia ocidental? Abre-se então a possibilidade de realizarmos uma interpretação desse mundo? Com base em que linguagem? Escrita por quem?

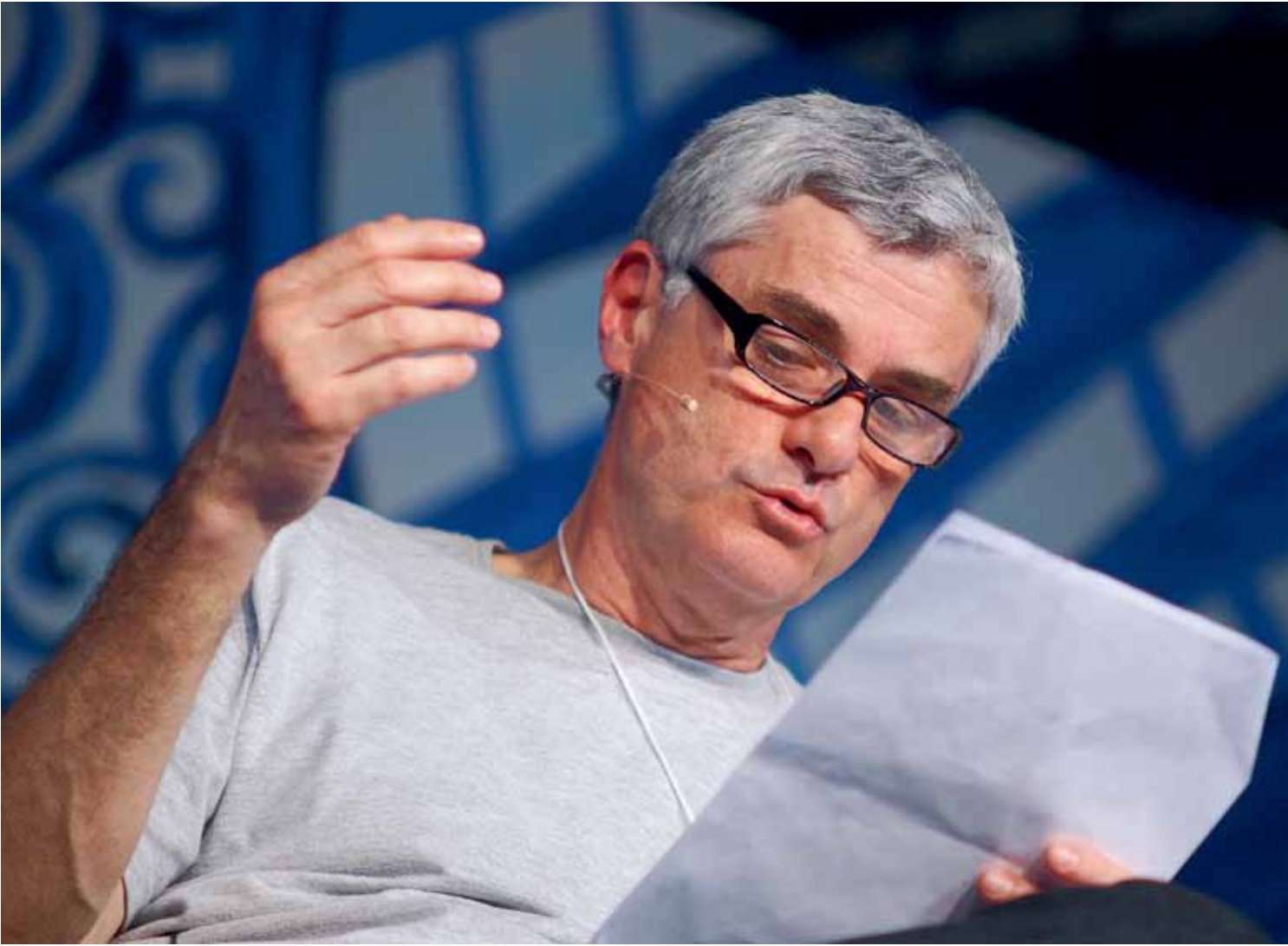
Luiz Carlos Pinto é jornalista e doutor em sociologia.

ENTREVISTA
Reinaldo Moraes

O desejo de erguer a cabeça acima da mediocridade

Surpreso com o sucesso inusitado do romance *Pornopopeia*, escritor reclama do rótulo *beat* e diz que a qualquer hora a aceitação ao seu trabalho pode diminuir

DIVULGAÇÃO/ FLIP



Entrevista a **Diogo Guedes**

“O mundo é cruel, meu chapa. Mas vende todo tipo de anestesia a quem puder pagar por isso”, diz o narrador de *Pornopopeia* (Objetiva, 2009, 475 páginas). Reinaldo Moraes pode até não ser exatamente o cineasta porra-louca Zeca do livro, mas jura que a sua vida é regida pela mesma tensão do personagem, entre a vontade de curtir os prazeres imediatos de drogas e sexo e a necessidade de lidar com problemas

também imediatos, como contas e trabalho. Não há como esperar menos hedonismo de uma obra, já em sua terceira tiragem e a ser lançada em formato de bolso, que une em seu título os termos pornô e epopeia, responsável por colocar o nome do autor em evidência 24 anos depois do lançamento do seu último romance, *Abacaxi* (1985).

Aos 60 anos, Reinaldo conseguiu dar um novo fôlego à literatura veloz, fluente de *Tanto faz* (1981), clássico da literatura alternativa, mesclando-a com uma linguagem precisa e

apurada. Bastante elogiado por colegas e jornalistas, em 2010, *Pornopopeia* foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. Em entrevista ao **Pernambuco**, o autor aponta como um dos motivos para nunca ter recebido um prêmio o fato de o país ser muito conservador e comenta sobre o processo de edição do livro. Além disso, dispara contra a associação de suas obras com Jack Kerouac e Allen Ginsberg: “Aqui no Brasil se você bota um personagem de classe média mergulhando de cabeça na boêmia hardcore, nego já diz: é beatnik.”.

“Neguinho faz viagem na sacanagem sem muita culpa, já que há no texto um compromisso literário inegável

“No meu caso, não vejo sinais de ‘amadurecimento’. Vejo, sim, sinais inquietantes de decomposição biológica

Apesar do fluxo quase pornográfico de consciência de *Pornopopeia*, o livro tem sido bastante elogiado pelo texto elaborado e pela precisão. Como você chegou a essa soma de um texto rápido, envolvente, mas que não parece fruto da mera inspiração?

O aspecto “pornográfico” do livro cria, de alguma forma, um efeito de dessublimação da linguagem, afastando-a, por um lado, dos modelos literários aceitos no Patropi, que, apesar de todo o bundalêlé midiático, é um país bastante conservador. (Não por acaso, jamais ganhei um prêmio literário.) Agora, se você liga essa vertente a uma escrita elaborada, fora dos cânones da putaria clássica (Carlos Zéfiro e quejandos), o efeito, nas cabeças bem-pensantes, é, em geral, liberador. Neguinho faz viagem na sacanagem sem muita culpa, já que há no texto um compromisso literário inegável.

As 475 páginas de *Pornopopeia* são a versão editada da obra. Do que foi necessário abrir mão para cortar cerca 300 páginas? Como se edita uma narrativa sem eliminar a fluência dela? São, na verdade, quase umas 600 em Word (930 mil toques), corpo 12, espaço 1,5. É texto pra caramba. A diagramação é que acomodou essa textalhada em 475 páginas, diminuindo sutilmente o corpo, espaço e mancha gráfica – uma proeza. Originalmente, tinha umas 900 de Word. Mas aí vem o trabalho de peneira, depuração, burlamento, ourivesaria, pente-fino etc e tal. É assim que funciona pra mim (e pra 99%

dos escribas). Nessa fase de re-elaboração do texto contei com as leituras atentas de uns poucos amigos (um só, na verdade, o Matthew Shirts) e os meus editores, no caso a Isa Pessoa, em primeiro lugar, e o Bruno Porto, da Objetiva – o Bruno saiu recentemente de lá. Só depois desse trabalho, que me tomou um ano e meio, é que surge a fluência à qual você se refere.

Uma das coisas que é dita por Zeca em *Pornopopeia* me chama a atenção. Ele diz que, fora de São Paulo, tudo é América Latina. Como você descreveria essa São Paulo de Zeca, a metrópole central do continente? Essa “declaração” do Zeca é uma espécie de profissão de fé urbanóide, com um quê de provocação, que me pareceu adequado ao personagem. Ele não quer ser “brasileiro”, “latino-americano”, “universal”, nem nada que o valha. Ele diz lá, nessa passagem que você citou: “Sou como uma lândia de chato encravada nos pentelhos urbanos”. O negócio dele é ficar próximo do agito que lhe é familiar.

Precisando fazer um vídeo institucional sobre embutidos de frango, Zeca se pergunta: “Qual a diferença entre arte e embutidos de frango?”. Qual seria a sua resposta para essa pergunta? Acho que estamos aqui diante de uma das típicas provocações do Zeca. Embora “embutidos de frango” seja uma espécie de mantra negativo na atual conjuntura da vida dele, esse não é, em definitivo, um “tema” do livro. Trata-se apenas de um cineasta

frustrado tentando levantar a cabeça um centímetro acima da mediocridade onde se vê atolado.

Você precisou negar algumas vezes a influência da literatura beatnik em *Pornopopeia*. A diferença do seu livro para obras beatniks é que, no seu livro, a abordagem é mais suja, com menos concessões e sem redenção? É uma mania da crítica associar qualquer obra suja, underground aos beatniks? Aqui no Brasil se você bota um personagem de classe média mergulhando de cabeça da boêmia hardcore, nego já diz: é beatnik. Mas a sua pergunta já esclarece por si mesma a questão: trata-se de uma “abordagem mais suja, com menos concessões e sem redenção.” Gostei dessa definição. Vou tomá-la de empréstimo, se você não se importar.

Por *Tanto faz*, você é tido como um dos principais nomes dos anos 1980, junto com Caio Fernando Abreu, Marcelo Rubens Paiva e Paulo Leminski. O que mudou em você daquela época até *Pornopopeia*? Houve um amadurecimento, se é que era preciso amadurecer? No meu caso não vejo sinais consistentes de “amadurecimento”. Vejo, sim, sinais inquietantes de decomposição biológica. Fernando Pessoa já nos alertava de que não passamos de “um cadáver adiado que procria”. O cara que escreveu *Tanto Faz* tinha 30 anos. O que garatujou Pornopopeia tinha entre 54 e 59 anos. Qualquer geriatra te explicaria a diferença entre um e outro, imagino.

Existe algum peso em fazer literatura suja e, portanto, em ser considerado um autor “maldito”? Cara, se você der uma espiada nas matérias que saíram e continuam saindo sobre o *Pornopopeia*, assinadas por jornalistas consagrados, professores eméritos e blogueiros acreditados na praça, vai notar que eu ando perigosamente próximo ao mainstream literário, não mais estacionado na margem. Sei que isso é momentâneo e pode mudar a qualquer momento.

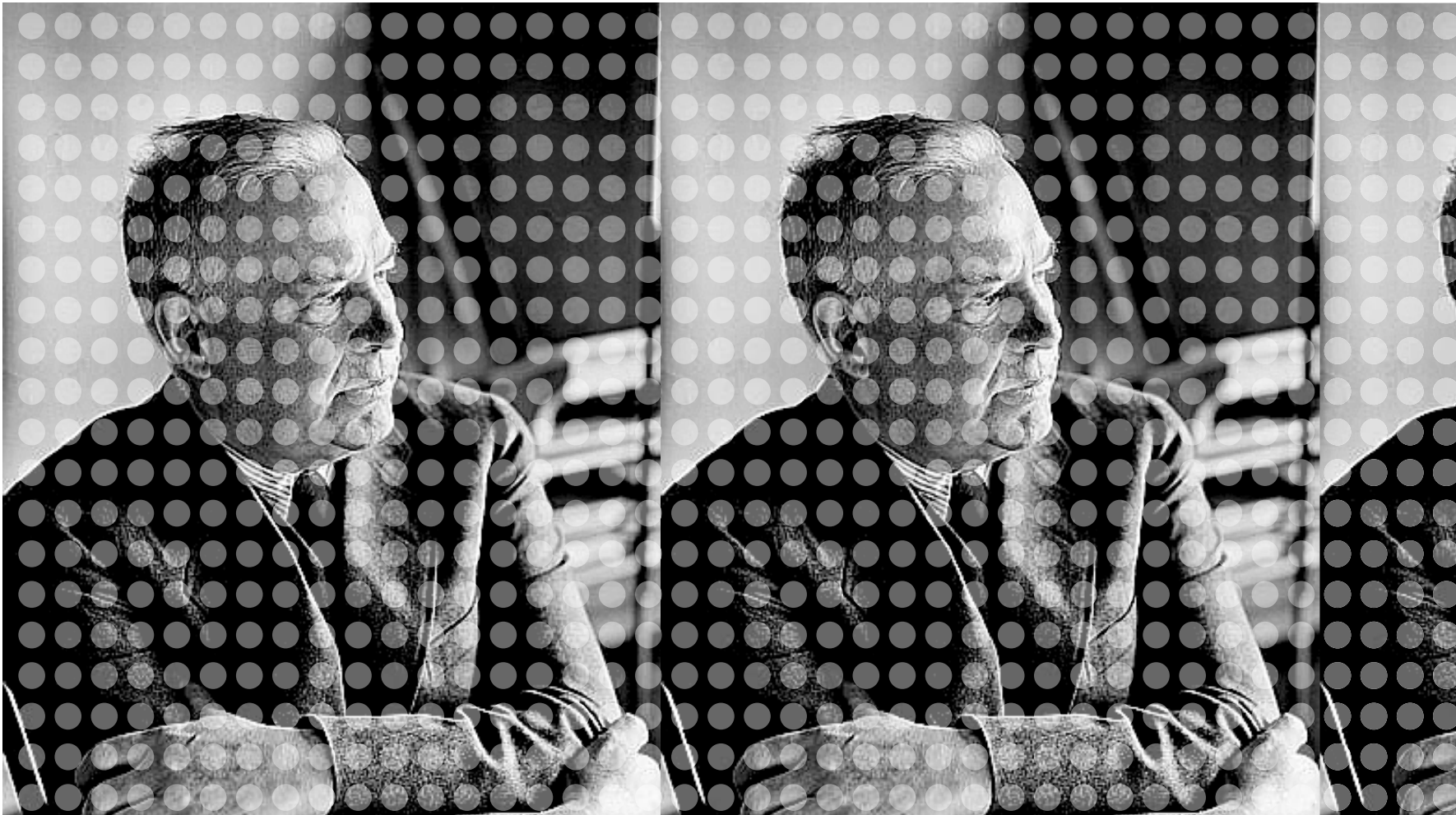
O Brasil produziu, desde os anos 1980, bons autores? Você se identifica com a produção de algum escritor brasileiro contemporâneo? Por ordem alfabética: Alê Barbosa, Ana Ferreira, Andréa del Fuego, Angélica Freitas, Antonia Pellegrino, Antonio Carlos Viana, Antônio Prata, Armando Freitas Filho, Beatriz Bracher, Bernardo Carvalho, Caco Galhardo, Chacal, Chico Mattoso, Carlos Sussekind, Fabrício Corsaletti, Fernanda D’Umbra, Índigo (Ana Cristina Ayer de Oliveira), Ivana Arruda Leite, Joca (Reiners) Terron, Luís Fernando Veríssimo, Márcio Américo, Mário Bortolotto, Mário Prata, Marcelo Mirisola, Marcelo Rubens Paiva, Marçal Aquino, Marcelino Freire, Marcelo Coelho, Márcia Denser, Milton Hatoum, Natércia Campos, Nilo Oliveira, Paulo Freire (o ficcionista e violeiro), Paulo Henriques Britto, Pedro Cavalcanti, Pedro Maciel, Ricardo Lísias, Rodrigo Lacerda, Xico Sá... Putz, devo estar esquecendo um monte de gente bacana... E só falei dos vivos e ativos.

Tanto faz e *Abacaxi* vão ser relançados pela Companhia das Letras, estreando o selo Má Companhia, com os “excessos da juventude” limados, como você já disse. Você não teme, com isso, que as obras percam seu caráter testemunhal, o de serem o retrato de um autor e de um estilo, com erros e excessos? Onde você leu que eu limei os “excessos da juventude”? (As aspas saíram em um perfil do autor na *Folha de S. Paulo*, em 05/12/2010) Bullshitaço. Não limei coisa alguma desse tipo. Só dei umas garibadas pontuais no texto, sem mexer na estrutura das frases nem nos coloquialismos “de época”. Mexi onde achei legal mexer pro texto fluir e “dizer” melhor. Como dizia o Murilo Mendes, outro grande mexedor de obras relançadas, posso mexer à vontade, pois não sou meu sobrevivente, sou meu contemporâneo.

Você prepara, atualmente, dois livros, um da coleção *Amores Expressos* e outro com o título provisório de *A travessia de Suez*. Pode nos contar um pouco sobre cada um deles? A proposta é manter o estilo de *Pornopeia*? Quando devem ficar prontos? O romance dos *Amores Expressos* é difícil de definir. E vai levar um tempão pra acabar. Mas há pelo menos uma grande história de amor, parte dela passada no México, na capital e na Riviera Maia, locais onde eu estive há uns anos. *A travessia de Suez* é sobre um cara que, ao morrer e chegar ao “paraíso” (que fica em Paris...), descobre que foi uma encarnação de Deus na terra. Vai daí... Estou na metade da bagaça.

TRADUÇÃO

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



Um moderno revelado

Sueli Cavendish

Nada mais distante da imagem de Wallace Stevens (1879- 1955), escritor e executivo de uma grande companhia de seguros, da qual chegou a ser vice-presidente, que a de poeta maldito. Mesmo assim é possível localizá-lo na linhagem do assim chamado transcendentalismo vazio, que pode ser rastreada até Rimbaud e Edgar Allan Poe, seguidos de Baudelaire e Mallarmé, Stephan George e Rilke, Paul Valéry e tantos outros. Stevens empreendeu sua cruzada poética na calma e obscura Hartford, em Connecticut, espécie de refúgio contra a agitação nova-iorquina. Ali, sem que sequer fosse conhecido dos seus concidadãos, viria a se tornar figura exponencial entre os modernos, cotado por Harold Bloom entre os cinco melhores: Yeats, Pound, Eliot e Auden.

Wallace Stevens esteve sempre preocupado com o papel formativo do poeta sobre a realidade, ou seja, a *poiésis*, a partir da imaginação. Abandonada a ideia de Deus, que não hesitava em considerar a principal ideia poética do mundo, a poesia é a essência que lhe toma o lugar, como redenção da vida. A imaginação substitui

a ordem transcendente em que insistem as religiões. Stevens era também estilista ímpar e um hábil filósofo, que explorava com vigor a ideia da poesia como a fusão suprema da imaginação criativa e das coisas que povoam o mundo, numa palavra, a realidade.

Dois dos poemas aqui traduzidos, *Treze maneiras de olhar-se para um melro* e *Quarto cinza*, fazem parte da primeira poesia de Stevens, publicados antes de 1917, e integra os *Collected poems de Wallace Stevens*, com os quais conquistaria o Pulitzer Prize em 1955, contribuindo desde cedo, portanto, para a formação do cânone do autor e da própria poesia americana moderna. O terceiro poema, *Solilóquio final do amante interior*, foi composto nos derradeiros anos, revelando toda a instigante complexidade em que viria a desaguar a poética stevensoniana.

Treze maneiras de olhar-se para um melro projeta um efeito visual que se reafirma a cada nova geração de leitores, combinando traços do imagismo de Pound e Amy Lowell na construção de um amplo painel sobre um fundo branco no qual pontifica, primeiro, o olho do melro, *the eye, the self*, o eu, uma consciência que logo se dissolve, recua e multiplica na amplidão do espaço, frágil figura

negra, animada pelo espírito das criaturas que habitam o mesmo mundo em contraste com a fixidez geológica de um mundo congelado. Os versos livres e curtos são reminiscentes dos tanka e haikus japoneses, embora o próprio Stevens afirmasse que eram as estamparias japonesas que o haviam inspirado.

Em *Quarto cinza* Stevens compõe uma minúscula análise objetiva do que se presume ser uma mulher despida de quaisquer atributos que não sejam aqueles das coisas que a cercam e dos pequenos atos que exercita nesse seu espaço de espera, através dos quais é possível vê-la em seu *ennui*. A interrupção brusca e súbita da neutralidade da cena por uma voz que a argúi desde fora inflama de um só golpe o que era tão somente calma, introduzindo a questão do significado ao final do desfilar ritmado dos significantes.

Solilóquio final do amante interior é poema da complexa fase final stevensoniana e como tal tem originado as mais controvertidas leituras. Nele o poeta se arrisca mais que em qualquer outro na direção do reconhecimento de um mundo transcendente, porém a cada estrofe recupera o equilíbrio reintegrando a imaginação à alquimia interna e profunda do espírito terreno.

Marco Polo

MERCADO EDITORIAL

BEATNIKS

Álbum de histórias em quadrinhos registra graficamente a obra e a biografia dos principais nomes do movimento beat

A geração *beat* surgiu nos meados dos anos 1950, nos Estados Unidos, provocando uma mudança radical no modo de vida e na literatura daquele país. Saídos de uma Grande Guerra, aqueles autores pregavam uma poesia e uma narrativa que rejeitavam os modelos acadêmicos, privilegiando a liberdade, a boemia e o uso de drogas, através de um fluxo informal

que procurava mimetizar os improvisos jazzísticos de Miles Davis e Charlie Parker. Essa é a história recriada no álbum *Beats*, que a editora Benvirá lança no Brasil. Trata-se de uma HQ com textos de Harvey Pekar (foto), falecido em 2010 e desenhos de Ed Piskor, mostrando a vida e a obra dos principais autores do movimento *beat*, como Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William S. Burroughs.

DIVULGAÇÃO





TREZE MANEIRAS DE OLHAR-SE PARA UM MELRO

I
Em meio a vinte montanhas nevadas,
A única coisa movente
Era o olho do melro
II
Eu estava pleno das três mentes
Qual uma árvore
Na qual há três melros
III
O melro rodopiava nos ventos de outono
Era uma pequena parte da pantomima
IV
Um homem e uma mulher
São um
Um homem e uma mulher e um melro
São um
V
Não sei que prefira,
A beleza das inflexões
A beleza das insinuações
O melro assobiando
Ou logo após
VI
Pingentes cobriam a longa janela
Com gelo selvagem.
A sombra do melro
Atravessava-a, pra lá e pra cá.
O ânimo
Escrevia na sombra
Uma indecifrável causa.

VII
Ó homens magros de Haddam,
Por que imaginais pássaros dourados?
Não vês como o melro
Anda a volta dos pés
Das mulheres acerca de vós?
VIII
Conheço nobres cadências
E lúcidos, inescapáveis ritmos;
Mas sei, também,
Que o melro está implicado
No que sei.
IX
Quando o melro voou a perder de vista,
Marcou a borda
De um entre muitos círculos.
X
À visão dos melros
Voando numa luz verde,
Mesmo as rameiras da eufonia
Gritariam esganiçadas.
XI
Ele atravessou toda Connecticut
Num coche de vidro.
Uma vez, um medo o trespassou

QUARTO CINZA

Embora habites um quarto que é cinza,
Exceto pela prata
Do papel de seda,
E roces
O teu pálido vestido branco;
Ou levantes uma das verdes contas
Do teu colar,
Para deixá-la cair em seguida;
Ou contemples o teu leque verde
Estampado com os rubros galhos de um salgueiro rubro;
Ou, com um dedo,
Movas a folha no vaso –
A folha que caiu dos galhos da forsítia
Ao teu lado...
O que é tudo isso?
Eu sei com que fúria bate o teu coração.

SOLILÓQUIO FINAL DO AMANTE INTERIOR

Acende a primeira luz da noite
na qual descansamos e, por razão pouca, refletimos
o mundo imaginado é o bem maior
Este é, assim, o mais intenso encontro.
É nessa ideia que nos reconciliamos,
Para além de toda indiferença, em coisa única:
Dentro de uma coisa, um único xale
Que nos envolve estreitamente, pobres que somos, um calor,
Uma luz, um poder, o milagroso influxo.
Aqui, agora, esquecemos um do outro e de nós mesmos.
Sentimos a obscuridade de uma ordem, de um todo,
Um saber, aquilo que preparou o encontro.
Em sua fronteira vital, no espírito.
Dizemos Deus e a imaginação são um . . .
Tão alta, a vela mais alta ilumina o escuro.
Desta mesma luz, deste espírito central,
Construímos uma morada no ar noturno,
Na qual estar ali juntos é o bastante.

Sueli Cavendish é professora do Departamento de Letras da UFPE – Ensaísta e tradutora.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



VOLTA

LB – Revista de Literatura Brasileira é reeditada

A LB – Revista de Literatura Brasileira teve 50 números, publicados entre 1996 e 2008, tendo à frente Aluysio Mendonça Sampaio. Agora, com autorização dos seus herdeiros, a revista é relançada em novo formato, com periodicidade semestral, numa parceria do Grupo Editorial Scortecci e o PEN Clube do Brasil. Na nova edição estão presentes nomes como Fábio Lucas, Lêdo Ivo, Astrid Cabral e Porfirio Carneiro .

LANÇAMENTO

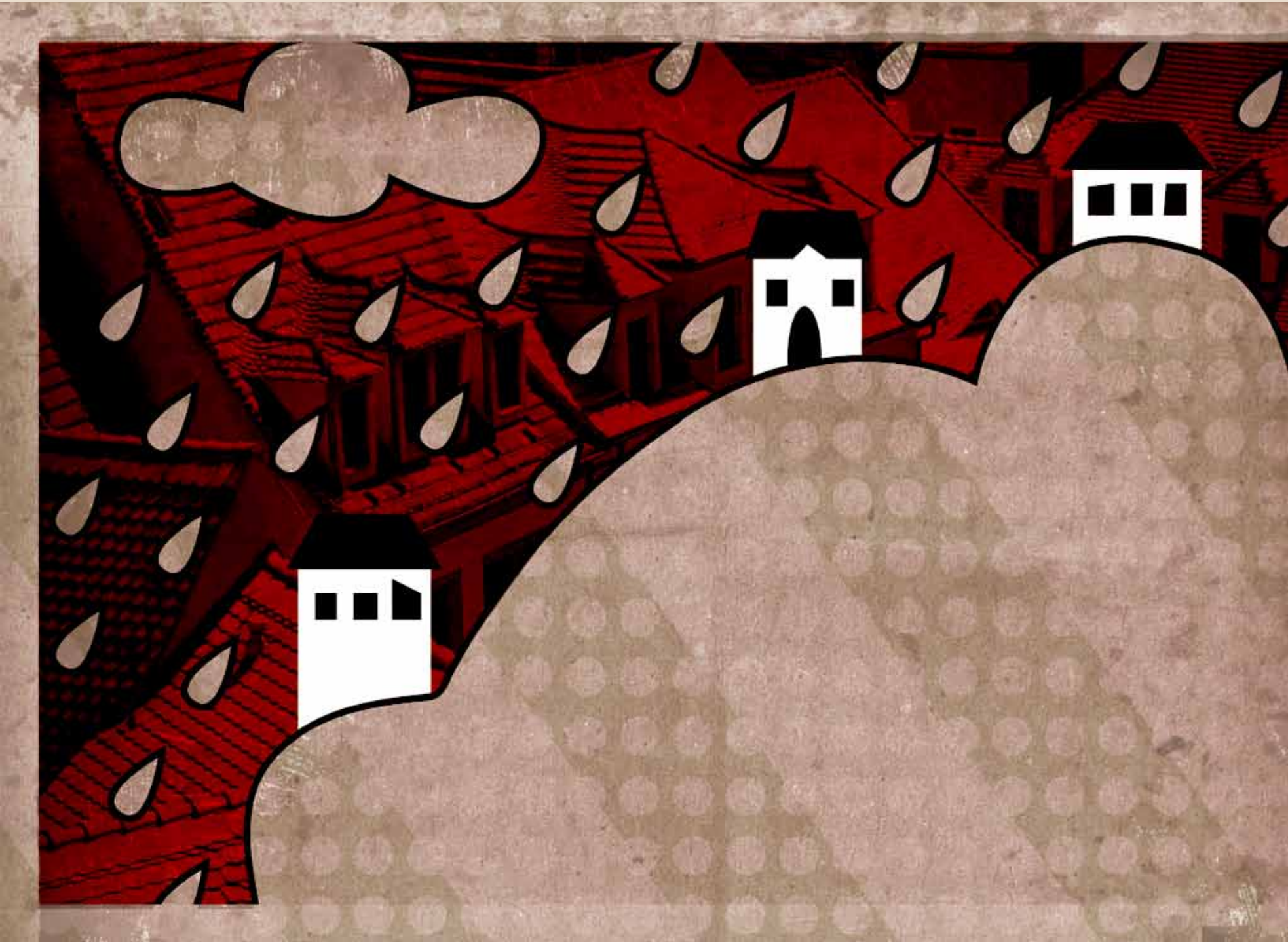
A Madras lança álbum de fotografias da banda inglesa Led Zeppelin, documentando em detalhes sua turnê pelos EUA

Os ingleses Robert Plant (vocal), Jimmy Page (guitarra), John Paul Jones (baixo e teclado) e John Bonham (bateria e percussão) reuniram-se em 1968 para formar uma das mais importantes bandas de rock de todas as épocas, o Led Zeppelin. Agora, a Editora Madras lança no Brasil, em forma de livro, *Led Zeppelin: Fotografias*, um registro imagético de uma turnê pelos Estados Unidos, nos anos 1970, feito pelo

fotógrafo Neal Preston. Contratado pelos britânicos, ele teve acesso aos camarins e ensaios, revelando momentos da intimidade dos músicos. O Led Zeppelin acabou em 1980, com a morte do baterista por, reza a lenda, overdose de vodka. A banda, considerada uma das precursoras do *heavy metal*, é a única no mundo a ter todos os seus álbuns no Top 10 da parada norte-americana Billboard. Hoje, reúne-se esporadicamente.

CAPA

HALLINA BELTRÃO



Com o mundo que as palavras dele criaram

Anedotário de Gabriel García Márquez em seus discursos e conferências

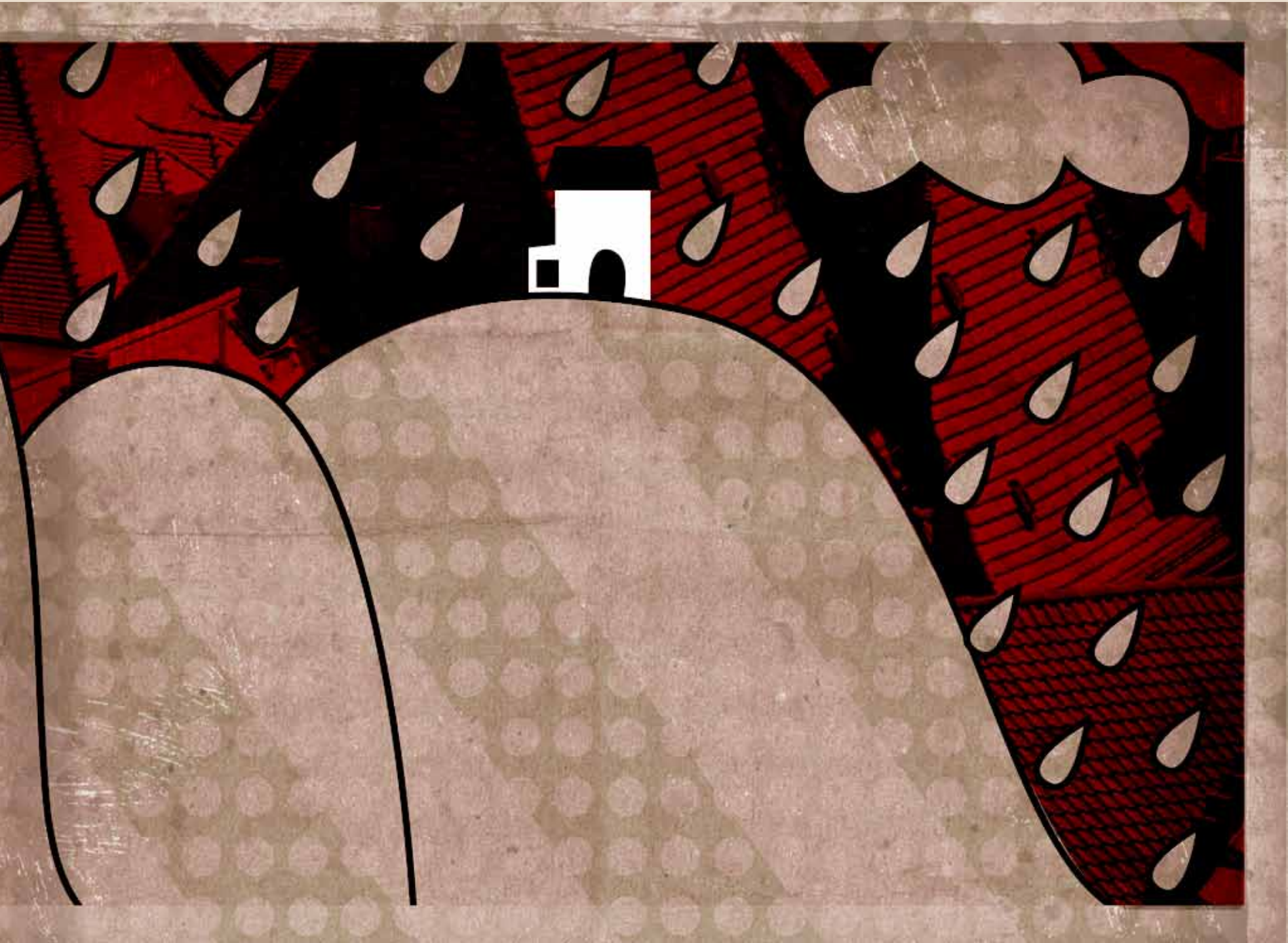
Eduardo Cesar Maia

“**Eu que sempre considerei** os discursos como os mais terríveis entre os compromissos humanos”. Essas são as primeiras palavras do novo livro de Gabriel García Márquez (Aracataca, Colômbia, 1927), uma obra que compila, paradoxalmente, 22 discursos proferidos pelo escritor colombiano, que, apesar de “não gostar”, escreveu uma porção deles. O título do livro, *Yo no vengo a decir un discurso* (em tradução livre: *Eu não venho fazer um discurso*), é uma frase de advertência retirada justamente de sua primeira fala pública, feita para seus colegas de colégio, aos 17 anos, na cerimônia de graduação no Liceo Zipaquirá, em 1944. Nesse texto, o então jovem Gabo já se mostrava infenso à oratória e às aparições públicas – formalidades que acabaram sendo constantes em sua trajetória de escritor premiado e de intelectual politicamente atuante. No entanto, mesmo em suas palestras mais recentes, García Márquez continua insistindo em que, sempre que tem que realizar tal sacrifício, o faz empurrado pelas circunstâncias ou por amizade.

Publicada inicialmente na Espanha e América Latina pela Editora Mondadori (ainda não há tradução

ao português), essa nova obra reúne intervenções famosas do escritor, e também algumas desconhecidas pelo grande público. Os temas abordados por ele nos pronunciamentos selecionados são bastante variados: literatura, arte, política, jornalismo e ecologia estão entre os principais. Em *Como comecei a escrever* – conferência de 1972, que é muito utilizada por seus estudiosos e biógrafos e que já havia sido publicada no jornal *El Espectador*, de Bogotá –, descreve de forma bem-humorada a maneira fortuita com que se iniciou na literatura e, mais uma vez, comenta sua aversão a falar ante um público: “Eu comecei a ser escritor da mesma forma que subi neste palco: à força”.

Quando recebeu o importante Prêmio Internacional de Novelas Rómulo Gallegos, em 1971, por *Cem anos de solidão*, em sua fala de agradecimento, intitulada *Por vocês*, disse haver aceitado cometer dois pecados nos quais prometera não incorrer jamais: receber um prêmio e dar um discurso. Essas promessas seriam quebradas ainda algumas dezenas de vezes, como em suas *Palavras para um novo milênio*, em que reflete sobre sua ideia particular de



um futuro desejável, pronunciadas em sua querida Havana (cidade onde possui uma mansão doada por Fidel Castro), durante o II Encontro de Intelectuais pela Soberania dos Povos de Nossa América, em 1985.

De particular interesse é seu discurso chamado *Uma aliança ecológica da América Latina*, em que mostra sua preocupação pelo meio ambiente, em Guadalajara (México), em 1991, e que culmina na criação do Grupo dos Cem, uma associação de artistas, intelectuais e cientistas comprometidos ativamente com a questão ambiental. Destacam-se ainda suas palestras sobre artistas e intelectuais que foram seus amigos, como Julio Cortázar, Álvaro Mutis (romancista e poeta colombiano) e Belisario Betancur (advogado, literato e político colombiano, que assumiu a presidência do País entre 1982 e 1986). Bastante atuais são também suas reflexões sobre jornalismo e comunicação realizadas durante a 52ª Asamblea de la Sociedad Interamericana de Prensa (SIP), na cidade de Los Angeles, em 1996, nas quais ele deixa patente qual foi sua verdadeira escola de narrativa: o jornalismo e, mais especificamente, a reportagem jornalística. O nome do texto também revela sua paixão pelo ofício, *Jornalismo: o melhor trabalho do mundo*. Em 1997, fez o provocador discurso *Garrafa ao mar para o deus das palavras*, em que defendeu a aposentadoria da ortografia, no I Congreso Internacional de la Lengua Española, realizado em Zacatecas, no México; sobre sua Colômbia discorreu em *A pátria amada ainda que distante*, em Medellín, no ano de 2003.

Entre as conferências mais significativas com-pendiadas neste volume, encontra-se *América Latina existe*, proferida na Ilha de Contadora, no Panamá, em 1995, e que tem conteúdo fortemente político e crítico. Em 1982, em Estocolmo, quando recebeu o Prêmio Nobel, o escritor já havia falado publica-mente sobre o mesmo tema num texto denominado *A solidão da América Latina*, que também está incluído na nova obra.

Fecha o livro o famoso discurso *Uma alma aberta para ser preenchida com mensagens em castelhano*, que fez em Cartagena de Indias, também na Colômbia, em 2007, na ocasião do IV Congreso Internacional de la Lengua Española, no qual recebeu homenagens por seus 80 anos e pelos 40 anos da publicação de *Cem anos de solidão* com uma edição comemorativa.

Em entrevista a respeito desse seu livro mais recente, García Márquez afirmou que a releitura e revisão desses textos, que estavam dispersos ou esquecidos, fez com que ele percebesse al-gumas coisas sobre as mudanças e evoluções de sua própria trajetória como artista. Afirmou que serviu ainda para deixar mais claro para ele que o alimento fundamental de sua literatura foi sempre a tentativa de compreensão, segundo suas palavras, “da índole do poder”. Nesse sentido, é importante estabelecer uma distinção fundamental entre o García Márquez romancista (que, apesar de ir-regular, escreveu obras excepcionais) e o García Márquez orador político, que, invariavelmente, transforma textos inicialmente argumentativos em uma forma híbrida entre a retórica panfletária carregada de ideologia e a narração de “anedotas” para agarrar e seduzir a plateia. O próprio Gabriel García Márquez acredita que os artistas como ele não são propriamente intelectuais, são somente “sentimentais”.

Obviamente, não se pode avaliar um escritor por uma obra dessa natureza – uma reunião de discursos esparsos cronologicamente, proferidos em ocasiões de maior ou menor importância, e que não contri-buem com muita coisa nova sobre o entendimento de sua literatura. Contudo, a expectativa de uma nova obra de um prêmio Nobel de literatura sempre é grande no mercado editorial, e talvez seja esse, simplesmente, o motivo maior dessa publicação.

Eduardo Cesar Maia é mestre em teoria literária.

Trechos

América Latina existe

Fragmento do discurso pronunciado em Contadora, Panamá, em 28 de março de 1995

“O destino da ideia bolivariana de integração (da América Latina) parece cada vez mais semeado de dúvidas, salvo nas artes e nas letras, que avançam na integração cultural por sua conta e risco. Nosso querido Federico Mayor faz bem em se preocupar com o silêncio dos intelectuais, mas não com o silêncio dos artistas, que ao fim e ao cabo não são intelectuais, mas sentimentais. Expressam-se a gritos desde o Rio Bravo até a Patagônia, em nossa música, em nossa pintura, no teatro e nas danças, nos roman-ces e nas telenovelas (...). São as formas de expressão popular mais simples e ricas do polilinguismo continental. Quando as integrações políticas e econômicas se cumpram, e assim será, a integração cultural será um fato irreversível. Inclusive nos Estados Unidos, que gastam enormes fortunas em penetração cultural.”

Como comecei a escrever

Fragmento do discurso pronunciado no Ateneo de Caracas, Venezuela, em 3 de maio de 1970

“Nunca pensei que pudesse vir a ser escritor, mas, em meus tempos de estudante, Eduardo Zalamea Borda, diretor do su-plemento literário do *El Espectador*, de Bogotá, publicou uma nota em que dizia que as novas gerações de escritores não ofereciam nada (...). Veio-me, então, um sentimento de solidariedade para com meus companheiros de geração e resolvi escrever um conto, simplesmente para calar a boca de Eduardo Zalamea Borda (...). Sentei-me, escrevi o conto e enviei ao *El Espectador*. O segundo susto tive no domingo seguinte quando abri o jornal e, preen-chendo toda uma página, estava meu conto...”

CAPA

HALLINA BELTRÃO



Ninguém mais escreve sobre o “coronel”

Novo livro e edição especial da *Granta* nos faz repensar o papel de Gabo

Schneider Carpeggiani

No conto *Cohiba*, da argentina Lucía Puenzo, Gabriel García Márquez aparece como personagem coadjuvante. É professor de um curso de roteiro para estrangeiros em Cuba. Nas suas poucas intervenções, cobra uma história de final mirabolante que seja dos alunos. A autora preferiu dispensar o primeiro nome e tratá-lo apenas por García Márquez. Sem o “Gabriel” – que lhe rendeu o famigerado apelido Gabo –, ele parece destituído de seu ethos biográfico, despersonalizado. É apenas uma sombra a exigir voos narrativos inusitados de jovens que não se impressionam com seu Nobel, sua Macondo ou seus 100 anos de solidão. Todos ali parecem não esperar tirar o substrato da escrita das aulas, mas do exotismo que pedimos e que o território cubano insiste em nos dar. García Márquez foi criado para ser um dos itens exóticos da narrativa, tal e qual o lusco-fusco de uma noite no Malecón.

Ainda que tímida, a presença de García Márquez em *Cohiba* nos remete à dupla ligação intrínseca da literatura latino-americana com o Poder – crítica ferrenha/compadre de combate. E, se você olhar ainda mais de perto, subestimar Gabo, não querer mais escrever sobre o “coronel” como protagonista, querer despersonalizá-lo, é também lembrar sua importância, pedir benção às avessas. Talvez a própria Lucía não tenha (deliberadamente?) percebido que coadjuvantes costumam roubar a cena. Lemos melhor qualquer texto literário quando nos atemos ao que ficou de fora, ao ato falho, como no divã de um analista. A sombra – inicialmente ínfima – do escritor acaba lançando a narrativa de volta a uma tradição que já foi por diversas vezes tratada como ultrapassada. Mais uma vez aqui tratada.

É sintomático que o conto da argentina abra justamente a edição especial da revista britâni-

ca *Granta*, batizada de *Los mejores narradores jóvenes em español*. É a primeira vez que a publicação se debruça em autores que não são da língua inglesa. O marketing de lançamento lembrou seu lendário número de 1983, que revelou nomes como Martin Amis, Ian McEwan, Julian Barnes e Salman Rushdie. Talvez aqui esteja o próximo Mario Vargas Llosa, ou, quem sabe, o próximo (Gabriel) García Márquez, parece nos querer dizer essa lembrança. Segundo os editores, a ideia é atingir um público leitor crescente – hoje estima-se que 450 milhões de pessoas se expressem em espanhol. Para isso, foram reunidos textos de 22 escritores de oito países. A única exigência é que tivessem nascido depois de 1975. O marco temporal remete ainda a algumas efemérides: o fim da guerra do Vietnã, o início do crepúsculo das ditaduras sul-americanas e da Espanha e o retorno dos exilados. É incrível o quanto é impossível separar a literatura de língua espanhola de algum quadro político (voltemos outra vez ao “coadjuvante” de *Cohiba*), ainda que o prólogo da revista avise que nenhum dos selecionados tenha ambição de seguir uma carreira política. Ao menos por enquanto.

Nessa edição da *Granta*, para além do valor literário, dois detalhes nos chamam a atenção: uma espécie de apagamento da importância de Gabriel García Márquez (e de tudo o que sua geração representou) e uma atitude reverente ao escritor chileno Roberto Bolaño. É compreensível. Mercadologicamente falando, compreensível. Falecido em 2003, aos 50 anos, Bolaño devolveu um foco para a literatura hispano-americana que parecia apagada com o boom (o uso dessa expressão foi inevitável) dos autores orientais na década passada, fruto da curiosidade orientalista pós-11 de setembro e do

esgotamento das fórmulas do realismo mágico. Não éramos mais interessantes, apesar de continuarmos a ser exóticos.

Nas últimas duas décadas, Gabriel García Márquez (vamos usar seu nome completo a partir de agora) tem se tornado uma sombra de si mesmo, talvez seguindo, visivelmente seguindo, as demandas de um mercado literário que exige extrair o máximo do que um dia ele fora. Mas não há mais fôlego. Sua biografia *Viver para contar* (2002) parou no primeiro volume, seus anos de formação, e nunca mais soubemos de uma possível continuação. O livro começa com o encontro do escritor, já adulto, num bar, com a mãe. Sem grandes explicações, ela simplesmente pede que ele a acompanhe à sua terra natal, Aracataca, para a “venda da casa”.

A casa só poderia ser uma: aquela que num passado distante pertencera aos avós maternos e onde Gabriel García Márquez vivera até os oito anos, território de lembranças e fantasmas que forraram suas obras iniciais, ganhando forma definitiva em *Cem anos de solidão* (1967). Durante a viagem de trem para a venda da casa, com a mãe agarrada a um rosário de três voltas, uma parada na frente da única fazenda bananeira do caminho que tinha por nome Macondo. De acordo com o escritor, ele nunca ouvira a palavra antes ser proferida, apesar de já tê-la usado em suas primeiras incursões ficcionais. Diz a lenda que o nome Macondo o fora revelado em sonho, tal e qual uma aparição religiosa.

Mesmo se não tivermos uma continuação de suas memórias (o que é plausível), *Viver para contar* já é suficiente: ele traz a gênese da formação de Gabriel García Márquez, o momento inicial onde ele se deparou com os trâmites do romance familiar que justificaria toda a sua obra restante.

Isso nos faz lembrar a declaração de Juan Rulfo sobre nunca ter conseguido lançar outro romance depois de *Pedro Páramo*: “Meu tio morreu, era ele quem contava essas histórias”.

O romance best-seller *Memórias das minhas putas tristes* (2007) foi lançado em doses iguais de histeria de mercado e fria recepção da crítica. O escritor lançava mão de suas frases de efeito grandiloquentes (“No ano de meus noventa anos quis me dar de presente uma noite de amor louco com uma adolescente virgem”, abre o livro), mas soava como um borrão de exotismo e de lugares comuns, uma paródia de si mesmo, e não conseguia rivalizar com *A casa das belas adormecidas*, de Kawabata, que abertamente o inspirou. Ainda assim, *Memórias de minhas putas tristes* foi a porta de entrada para toda uma nova geração conhecer o trabalho do escritor colombiano. Quem nunca lera Gabriel García Márquez acabou seduzido por sua escrita maravilhosa e barroca, mas os iniciados sabiam que algo havia dado errado, tal e qual um especialista distingue uma falsificação perfeita de uma obra real.

É curioso/sintomático a *Granta* com os novos autores de língua espanhola ser lançada ao mesmo tempo que o livro de discursos de Gabriel García Márquez, obra mercadológica, para suprir uma ausência irremediável. Possivelmente não teremos outro romance novo seu. Notícias são constantes de que ele estaria gravemente doente ou que, de fato, parou de escrever. Fica sempre difícil saber o que é boato, o que é verdade. Quando mal esperamos, um novo Gabriel García Márquez chega às livrarias, ainda que não seja totalmente novo, ainda que seja uma falsificação.

O Roberto Bolaño reverenciado na *Granta* (é possível reconhecer inúmeros textos que vampirizam sem dó o seu estilo) passa por um mo-

mento de superexposição. Em menos de um ano sua editora espanhola, Anagrama, lançou dois livros póstumos: o *Terceiro Reich* (publicado mês passado no Brasil pela Companhia das Letras) e agora acaba de sair na Europa *Los sinsabores del verdadero policía*, exercício de início de carreira, que não foi concluído. Ainda não sei a qualidade desse título, mas o *Terceiro Reich* é uma obra fraca, que traz um autor ainda aprimorando sua escrita, lançada no furor midiático de 2666 – eleito por várias listas como um dos mais importantes dos anos 00. É normal que se queira extrair o máximo do escritor, já que ele ajudou a recolocar a literatura de língua espanhola no centro da discussão outra vez, a ponto da Granta topar “falar” em outra língua. Mas, por outro lado, tamanha exposição acaba nos colocando diante de um labirinto de Bolaños reais e falsificados, tal e qual aconteceu com *Memórias das minhas putas tristes*.

Bolaño não pode mais ter o controle sobre o destino da sua literatura, tanto que 2666 deveria ter sido lançado fatiado, e acabou chegando às livrarias com monumentais 1.000 páginas (decisão acertada, no fim das contas). Gabriel García Márquez ainda pode controlar o critério de qualidade do seu trabalho. Mas talvez não esteja mais interessado, talvez queira apenas permanecer em nossas lembranças, ainda que no papel de um coadjuvante num conto satírico de uma jovem escritora, ou como seu personagem em *O outono do patriarca*: “Sabíamos que ele estava ali, sabíamos porque o mundo continuava, a vida continuava, o correio chegava, a banda municipal tocava a retreta de ingênuas valsas aos sábados sob as palmeiras poeirentas e os lânguidos lampiões da Praça de Argumas, e outros músicos velhos substituíam os músicos mortos”.



ENSAIO

Escolha: ele vai pro trono ou não vai?

A tardia ascensão de Lima Barreto para o topo do cânone da literatura nacional

Diego Raphael

FLÁVIO PESSOA



Recentemente, temos visto um verdadeiro ‘tsunami’ de obras de e sobre Lima Barreto nas livrarias. Tá, pode não ser um ‘tsunami’, mas também não é uma ‘marolinha’. Seja como for, a pergunta que não quer calar é: por quê? Todos nós sabemos e reconhecemos a importância da obra desse ‘ilustre escritor brasileiro’, como se poderia dizer em outros tempos – sobretudo quando o assunto é vestibular e semelhantes –, mas, de toda forma, nos perguntamos: por quê?

Não é de interesse deste artigo responder a essa pergunta, mas refletir, correta ou incorretamente, sobre ela. E, claro, fazer com que o leitor reflita também. Dessa forma, reflitamos juntos.

Conhecemos Lima Barreto. Desde a nossa adolescência somos, a princípio, obrigados a lê-lo. Do ponto de vista comercial isso é ótimo, afinal de contas, as editoras têm mercado suficiente para vender seus luxuosos ou populares volumes. Do ponto de vista intelectual, a rigor, é uma catástrofe, simplesmente porque ainda não estamos preparados para saborear, seja de que ponto de vista for, a obra barreteana. Conclusão? Odeia-se Lima Barreto. E o pior: isso se arrasta por um longo período, chegando – se se chega – ao terceiro grau.

Mas, poder-se-ia alegar, isso não ocorre apenas com Lima Barreto. Outros ‘ilustres escritores bra-

sileiros’ padecem do mesmo mal. Sim, é verdade, mas não custa lembrar que este artigo é sobre Lima Barreto, e apenas sobre ele falaremos. Ou não, na medida em que, quando pensamos em Lima Barreto, é quase impossível não lembrar do Ilmo. Senhor Machado de Assis.

Os motivos são muitos e variados, mas aqui colocarei apenas um: o próprio Lima Barreto trata de se diferenciar estética e ideologicamente de Machado, quando o ataca abertamente, acusando-o de se esquivar da ‘causa negra’, se assim podemos chamar. Contudo, sabemos que o assim chamado ‘Buxo do Cosme Velho’ afirmava, ora explícita, ora implicitamente, que o que lhe interessava era a observação da conduta humana, excluída de raças e classes. Lima Barreto discordava. Assumiu, ao contrário de Machado, se nos é permitido dizer, a sua condição – ou identidade – de “podre” e de negro. Quer uma prova, uma só? Tenha coragem e leia *Clara dos Anjos*. Compare-o com um *Memórias póstumas* ou com um *Dom Casmurro* e tire a prova dos nove por si mesmo.

Talvez por isso – não se esqueça de que estamos refletindo e que, portanto, esta não é uma afirmativa conclusiva e inquestionável – Machado de Assis tenha, pouco a pouco, se afirmado num





espaço que caberia, também, a Lima Barreto. No entanto, como todos sabemos, isso não ocorreu. Machado atraiu, seja por qual motivo for, a ‘crítica internacional’, que se debruçou sobre a sua obra, analisou-a, analisou-a e analisou-a. Tradutores se empenharam em vertê-lo para as suas línguas nativas – inglês, francês e outras. E assim Machado foi ganhando terreno, até que o polêmico Harold Bloom o inseriu entre os ‘gênios’ da literatura mundial. Pronto, o Brasil finalmente tinha um escritor do porte de um Tolstói, de um Shakespeare, de um Dante.

Críticos nacionais, com isso, se alvorçaram. Artigos, monografias, dissertações e teses sobre Machado pulularam, suas obras foram relançadas em diversos formatos, inclusive em áudio, até que no centenário da morte desse bruxo que não é Paulo Coelho – ufa! – ninguém mais aguentava ouvir falar de Machado de Assis. Assim como ocorre com autores canonizados, não gostar de Machado de Assis é ignorância, é não compreender as nuances de sua literatura etc. Estar – ou ser – canonizado é não ser discutido. É ser aceito e ponto final.

Aí voltamos a Lima Barreto, coitado, que viu o seu ‘rival literário’ – cremos que Harold Bloom gostaria desse termo – sobrelevar-se às nuvens,

enquanto ele, o ‘pobre’ Lima Barreto, era mais e mais esquecido – menos pelos vestibulandos. Até que... voilà, eis que Lima Barreto volta com força total e invade as prateleiras das livrarias, sem, aparentemente, nenhuma motivo que o justifique. É aqui que cabe a pergunta que fizemos no início deste artigo: por quê? Será que estão tentando, de alguma forma, canonizá-lo? Ou melhor: forçar uma canonização? Afinal, como se diz por aí em outras palavras, um santo só não faz milagre.

Seja por qual motivo for, o que nos resta é comemorar essa ‘ressurreição’ barreteana – se é que é, de fato, uma ressurreição. Embora comparações como a que farei a seguir não sejam lá muito eficientes, Lima Barreto está para a prosa como Augusto dos Anjos está para a poesia. São ambos ‘autores de transição’. Aliás, contemporâneos. Escritores que tiveram a coragem de se arriscar, ideológica e estilisticamente falando, embora, de resto, se distanciem enormemente.

Esquecendo, então, Augusto dos Anjos, e concentrando as nossas atenções em Lima Barreto, voltamos a afirmar que essa ‘ressurreição’ é motivo de alegria. Sim, porque Lima Barreto, ao contrário de seu desafeto, sempre esteve próximo, inclusive linguisticamente, dos párias, dos boêmios,

Lima Barreto está para a prosa como Augusto dos Anjos está para a poesia. São ambos “autores de transição”

dos pobres, dos arruinados. Isso nos faz lembrar, quase automaticamente, de Dostoiévski, embora não devamos, por motivos óbvios, nos aprofundar nesse ponto. E é essa diversidade de estilos, de pontos de vista, que enriquece uma literatura.

O fato é que Lima Barreto é um grande escritor. E, como todo grande escritor, tem seus momentos de fraqueza. Não é nosso papel apontar quais momentos de fraqueza são esses, mas, acredite, eles existem.

E se este é um momento propício para se ler Lima Barreto, cremos que um bom início para aqueles que o querem saborear verdadeiramente sem compará-lo com Machado de Assis é começar pelos contos. Para isso há uma bela edição dos *Contos completos de Lima Barreto*, organizada e prefaciada por Lilia Moritz Schwarcz, publicada pela Cia. Das Letras. Tai uma boa razão para gastar aquele dinheirinho que juntamos mensalmente para comprar livros.

A edição não vale apenas pela ‘beleza’ – que, como Kant nos ensina, é, dentre outras coisas, subjetiva –, mas naturalmente pelo que contém. São mais de 700 páginas do melhor e do pior de Lima Barreto, o que não deixa de ser interessante, seja para o leitor de primeiro, seja para o leitor de segundo nível. Afinal, é sempre interessante observar a oscilação natural dos grandes escritores.

Outro título que vale a pena conferir é *Diário do hospício e O cemitério dos vivos*, publicado pela Cosac Naify. A primeira parte do volume, *Diário do hospício*, é um dos melhores momentos de Lima Barreto, ironicamente um texto não ficcional. Trata-se, em breves palavras, de uma espécie de documentário literário da internação do autor no Hospício Nacional dos Alienados, entre dezembro de 1919 e fevereiro de 1920 – porque sim, Lima Barreto foi internado num hospício, o que não deixa de ser um privilégio nestes tempos em que ser ‘louco’ e ‘marginal’ é cool.

O segundo texto, *O cemitério dos vivos*, também aborda a loucura, já não do ponto de vista documental, mas ficcional. Infelizmente o romance não foi concluído por Lima Barreto, porque a experiência por ele vivida no hospício se faz presente nesta peça excepcional. Se, com essas duas dicas, aquele dinheirinho guardado no final do mês não for suficiente, escolha um deles, a seu gosto. Mas não se esqueça: você pode estar lendo o próximo santo da literatura brasileira. Ou não.

Diego Raphael é doutor em teoria literária.

OS LIVROS



Diário do hospício e o cemitério dos vivos
Editora Cosac Naify
Páginas 352
Preço R\$ 55



Contos completos de Lima Barreto
Editora Companhia das Letras
Páginas 720
Preço R\$ 48

DEPOIMENTO

Mas, Lygia, nem sempre as coisas foram assim

Jornalista lembra seu encontro com a maior autora brasileira em atividade

Talles Colatino



DIVULGAÇÃO/ COMPANHIA DAS LETRAS



Autora vive fase reclusa, mas participou da última edição da *Balada Literária* (SP)

Nem sempre é fácil aceitar que fantasmas pessoais são responsabilidades nossas. Existem porque criamos, resistem porque alimentamos. Espectros que ora nos assustam, ora evocam o sempre pertinente (e nem sempre saudável) passado. Invenção, mistério e memória: eis os ingredientes primordiais das nossas paranoias. Os mesmos que formam a tríade básica da literatura de Lygia Fagundes Telles, que também é uma das minhas obsessões. Leio-a desde que percebi a necessidade de cometer pequenos exorcismos.

Um verão forçadamente antecipado tomou São Paulo em meados daquele novembro. Não havia uma razão forte, algo que determinasse minha presença lá naqueles dias: estava de férias, mas poderia ter escolhido qualquer outro lugar para ir. A desculpa de uma “relação afetiva” com a cidade não colava: eu tentava ignorar São Paulo. Aquele lugar não joga no seu time, está sempre contra você.

Lembrei de Raíza, a protagonista de *Verão no aquário*, que durante um verão escaldante como aquele que eu presenciava na mesma cidade, questionou a sua existência sustentada por dois pilares: o da rejeição maternal e o da saudade do inexistente. Ao mesmo tempo, ela assistia e protagonizava dentro do aquário forjado dar limites à sua realidade cada vez mais opressora. “Foi nisso que se tornou minha relação com São Paulo?”, me questionei. Julgando a conclusão dramática demais, ri para desfazê-la do imaginário. Mas confesso: estava me sentindo um peixe dentro do aquário bestial daquela cidade.

Nem sempre foi assim, obviamente. Já amei São Paulo. Mas aquela cidade estava facilitando muito a minha vida, a ponto de olhar para suas sempre grandes possibilidades, pouco me lixar e dar um passo adiante. E acredito que esse é o sentimento de quem já aprendeu o jogo daquele lugar: sua grandiosidade física e emocional cria em nós o sentimento de querer estar sempre à frente dela. Disfarçando com tédio o medo de ser engolido.

Fingindo que não estava cedendo às suas tentações, lá estava eu e São Paulo novamente. Mas, naquele dia em que tomei um ônibus – e como detesto pegar ônibus ali – tentei me conformar e acreditar que aquela estada valeria alguma coisa. Sentei, como sempre, na cadeira mais próxima da saída e fui em direção a um acerto de contas.

Lygia estava sendo homenageada por um festival literário e daria uma palestra para marcar a abertura do evento na manhã de uma quinta-feira. “Pelo dia e pelo horário não deve ir muita gente”, pensei, enquanto me programava para chegar 20 minutos antes. Cheguei, esbaforido de uma longa caminhada da parada até o lugar – uma livraria –, em cima da hora. E me deparei com uma fila gigante para o auditório onde aconteceria a palestra. Nunca tente prever aquela cidade.

Não demorou muito para que alguém gritasse: “Lygia chegou!”. Eu estava de costas para a entrada e pensei duas vezes antes de virar. Por um momento,

foi como se eu tivesse revivendo aquele dramático momento em que o personagem do conto *A mão no ombro*, que foge da morte até o momento que ela coloca a mão em seu ombro. Aquele grito foi como a mão, mas Lygia não poderia ser a morte. Ou poderia? Na dúvida, virei.

Vi Lygia se aproximar com um sorriso vago, não direcionado a ninguém, mas ao mesmo tempo pertencente a quem queria. Riso de quem esconde muito em tão pouco. Eu era adolescente quando garimpei uma edição caindo aos pedaços de *Antes do baile verde* por menos de cinco reais num sebo do Centro. E cada corte felino que aquela mulher me dava – não há garras mais afiadas que um conto dessa senhora, não há – eu a imaginava com esse sorriso ambíguo, dubio, olhando para mim à distância. Sempre à distância. “Na cave o gato se esconde solitário, porque sabe do perigo das aproximações”, ela já havia me ensinado isso.

Anda devagar, devido a uma recente fratura no fêmur. Senta e, à sua moda, nos rasga de supetão: “Quebrei o fêmur sem me ter noção da importância que ele tinha para o resto do funcionamento do meu corpo. E quantos fêmures não quebraram da mesma forma em nossas vidas?”. Entre alguns arrependimentos e vários descuidos próprios, lembrei dos meus fêmures metafóricos. Havia começado o exorcismo.

Lygia se projeta como um espelho: tem o dom de confundir memória com ficção e transformá-la num espectro da nossa realidade. Da loucura ao amor, seus personagens vivem no limite. E estar diante dela é se colocar à prova da ousadia cruel que não dialoga com a imagem da distinta senhora.

Em certo momento, alguém pergunta qual é o seu conto preferido. Ela cita *O moço do saxofone*, que lembro bem, ainda daquela edição fétida de *Antes do baile verde* comprada no sebo. Lygia relembra a história do choque causado pela passividade de um saxofonista em relação às sucessivas traições de sua mulher. Quando questionado pelo personagem-narrador o motivo de não reagir, o homem sintetiza: “Eu toco saxofone”. Tudo para nos lembrar que, no amor, quase nunca existe saída. Ou cabe a ele se compor na plenitude, ou se desenhar numa partitura sem som.

Tive a chance de agradecê-la no final da palestra. Não deixei claro o porquê do agradecimento, mas tenho certeza de que ela entendeu.

Saí da livraria e fui andando rumo à parada de ônibus. O sol continuava escaldante naquela cidade com as fronteiras de um aquário. Mas naquele verão precoce, sugeri baixinho: “Vamos remendar esse fêmur, São Paulo?”. Subi no ônibus e a cadeira próxima da saída estava livre. Apostamos na recuperação do nosso funcionamento, ao som da melodias de ecos de um saxofone imaginário.

História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz - agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



O GIRASSOL
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagética sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

R\$ 40,00



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca

Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultivou grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como a época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência, já se perderam.

R\$ 40,00



NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista: pessoas pobres e criminosos recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negroiro.

R\$ 30,00



NOS CAMINHOS DO FERRO
Paulo Souto Maior

Paulo Souto Maior destaca o uso do ferro fundido nas construções desde o século 19 e sua popularização após a Revolução Industrial. No Recife, elementos históricos e arquitetônicos identificam edifícios importantes, como o Mercado do São José e outros.

R\$ 58,00



JARDINS DO RECIFE
Aline de Figueirôa Silva

A arquiteta Aline de Figueirôa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista do paisagismo, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

R\$ 35,00



A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1995, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escritos no formato de sextinas.

R\$ 35,00

LANÇAMENTOS RECENTES



ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX

Zilda Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores pernambucanos fundamentais na formação da identidade cultural de Pernambuco, das mais conhecidas, como Eris Carneiro, a outros menos conhecidos, como Antônio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem à cultura brasileira.

R\$ 30,00 (cada)



PONTES E IDEIAS
Charles Fourier

Seguidor de Charles Fourier, Louis Vachet parietou obras modernizadas de Charles Fourier no Recife do século 19. O livro mostra seu lado humanista, com base em seu diário e em documentos encontrados na França, que retratam a época e a influência francesa na cultura brasileira.

R\$ 60,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

O acordeonista da Catedral de Bruxelas

De Bruxelas eu esperava tudo, talvez a reprise do que ali já vivera, uma noite ao lado de Jey Crisfar, chuva e cansaço, conversas com taxistas e árabes, mas não este acordeonista loiro de 20 anos diante da Catedral, sim, a de Bruxelas, acordeonista loiro e imberbe, alto e imundo, músico a quem dei 2 euros, um segundo de tacto entre meus dedos e sua palma, após fazer com os olhos o rodízio contemplativo e luxurioso, alternando o foco dos olhos entre a catedral imberbe e loira e o acordeonista alto e imundo, a quem ensaiei, por 20 minutos que mais pareceram seus 20 anos, perguntar seu nome, quiçá filmá-lo com a câmera que deixara no Berlimbo, ou imaginá-lo fotografado em série por Adelaide Ivánova, Heinz Peter Knes,

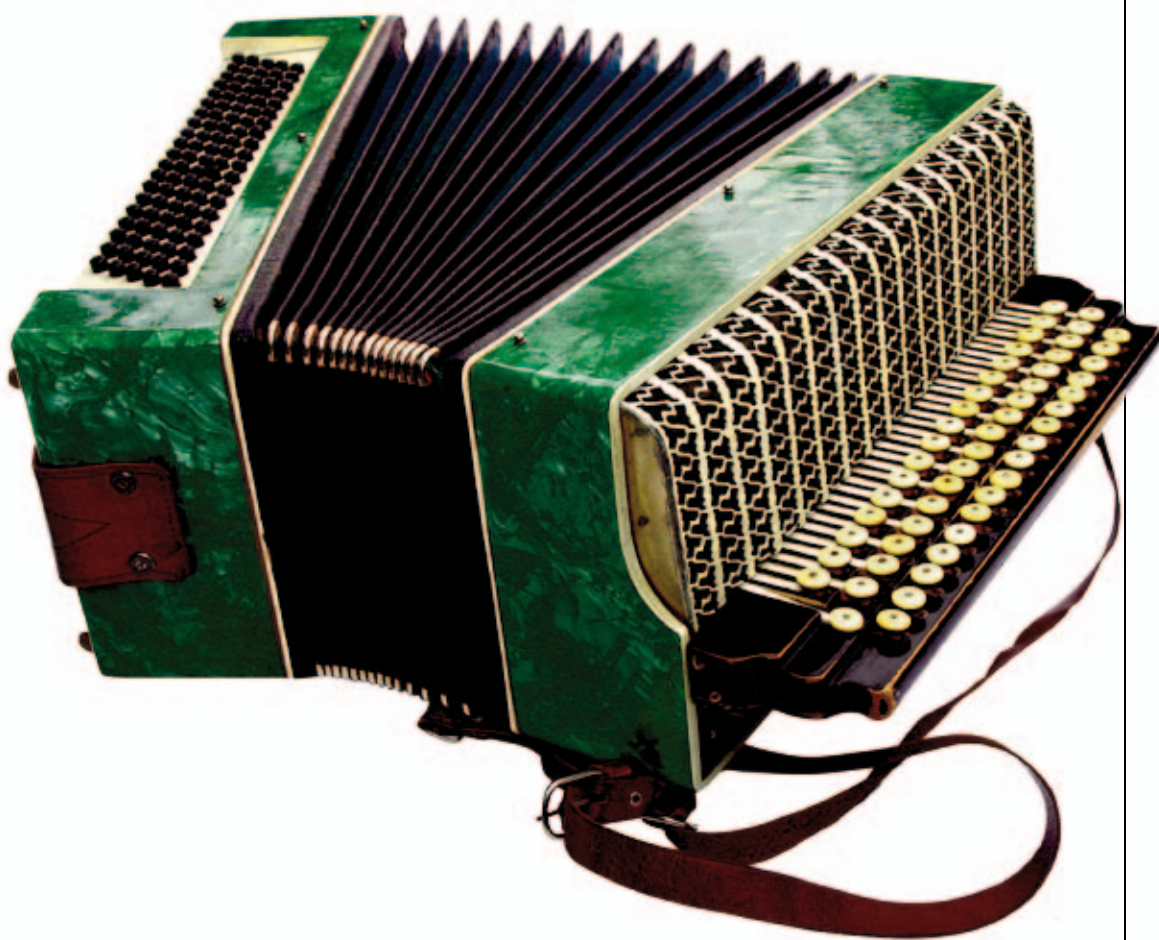
ou qualquer fotógrafo íntimo que me cedesse os direitos autorais desta imagem imberbe, imunda,

para que eu de alguma forma possuísse este acordeonista imberbe e alto em seus 20 anos, a quem então batizo em minhas glândulas e passarei a chamar de Loïc ou quem sabe Guillaume pelo resto dos meus dias após falhar em criar os colhões de pedir-lhe seu nome, e é assim, Loïc ou Guillaume aos 20 anos imundo e acordeonista, que a você eu dedico diante da alta e imberbe Catedral de Bruxelas, estes 2 euros e uma ereção.

Bruxelas, 8 de outubro de 2010.

SOBRE O AUTOR

Ricardo Domeneck é autor de, entre outros, *Sons: arranjo: garganta* pela Cosac Naify/7 Letras e mantém o blog ricardo-domeneck.blogspot.com



INÉDITOS

Elvira Vigna

SOBRE A AUTORA

Elvira Vigna é autora de *Deixei ela lá e vim e Nada a dizer*. Esse texto faz parte do romance *O que deu pra fazer em matéria de amor*



Eles têm a chave

Como eu faria.

Volta o Gluck, mas dessa vez subjugado não mais pelo funk que já esqueci, mas pelos jingles do *Repórter Esso*, da *Discoteca do Chacrinha*. Afinal, é década de 1950. Os sons vêm trombeteados através de televisões indefinidas, pelos apartamentos de primeiro andar e as ainda existentes casas de janelas abertas.

Um piano tortura escalas em si bemol, eu gostaria. Porque minha irmã dançava ao som de um piano e porque o trânsito à minha frente fica mais pesado a cada minuto. Alguém conversa perto de mim e gargalhadas marcam, em decibéis, a escalada de um esforço para se divertir. Quem sou eu para julgar. Me esforço em outra rua, a do sol.

Rose telefona antes. É uma quinta-feira e ela sabe que é o dia em que Gunther chega mais cedo do trabalho. Está sozinho. Ingrid, a mulher de Gunther, tem horas extras de secretária executiva taquígrafa estenógrafa poliglota de redação própria cem toques por minuto. Eficiências são sempre um pouco aterrorizantes, gosto que aconteçam longe.

Rose telefona antes só para ter certeza. Ele responde:

“Alô?”

“Gunther?! Ué, ih, liguei errado. Mas você em casa a essa hora, faliu? Ah, é verdade, quinta-feira.”

E foi até bom porque ela estava pensando em passar lá para deixar a receita, pegar o telefone, devolver o paninho, escrever o bilhete, tirar a medida.

Ou então nem telefona, vai direto.

Eles têm a chave uns dos outros.

Não falam da guerra, da Alemanha, nunca falam, os que lá estavam e sobreviveram, os que de lá saíram antes, igual, os últimos até piores no seu silêncio, eles nunca falam da guerra.

Mas falam de outro jeito. Têm a chave, uns dos outros. Para qualquer eventualidade, se dizem, em um desviar de olhos para que a palavra eventualidade não precise ser redefinida, definida que está para sempre.

Está decidido, então, Rose não telefona. Vai direto.

Pega o pote, o pano, o papel. E vai, os olhos fechados pelo sol. Toca a campainha, mimetizando educação. Toca a campainha, chave na mão, pro

REPRODUÇÃO



uns dos outros

forma, como quem toca a campainha em casa vazia, dos outros, antes de meter a chave na porta, só por educação, embora saiba que lá não há quem possa atender.

Sabe que Gunther vai atender, e espera, a chave na mão.

Quando ouve passos, põe a chave na fechadura para fingir melhor a surpresa. Que sente. Pois ela está lá, na porta, Gunther na sua frente, e ela se surpreende em sentir a surpresa, Gunther na sua frente, a surpresa de ir em frente.

“Ué, você em casa a essa hora, faliu? Ah, é verdade, quinta-feira.”

Está lá por causa da receita, do livro, da medida. Devolver o pote.

“Entra.”

Pode ter sido ao contrário.

Arno, o marido de Rose, passa as tardes trancado na oficina. É muito metódico. Almoça, deita por menos de uma hora e vai para a oficina, de onde sai apenas às quatro horas para tomar um café e dar uma volta. Rose, já faz tempo, toma sol nua no sofá da sala mesmo com ele em casa. Ele não sabe que ela toma sol nua, mas ela não se importa se ele sabe ou não.

Apenas prefere que ele não esteja por perto quando se deita, a perna levantada, no sofá. É muito improvável mas não impossível que ele se sinta na obrigação de fazer o teatro do interesse sexual e as duas coisas, o interesse sexual e o teatro, qualquer teatro, igualmente mal-vindas.

Bem.

Arno está na oficina, Rose já se deitou no sofá, cansou, o calor está excessivo, ela não se acostuma com o clima. Senta em outro lugar da sala de onde observa tudo o que gostaria de jogar fora: móveis, lustre, almofadas, ventilador, o cheiro de comida que vem da cozinha, a vista da janela, a janela.

Tocam a campainha.

Rose não se mexe. Não quer atender. Não quer dizer: um momento, já abro. E depois: sim, não, como vai.

Fica imóvel onde está, e Gunther abre a porta com sua chave.

Neste momento já aconteceram as brincadeiras dos sábados de bridge.

Ele abre, vê Rose nua sentada no meio da sala e nem um músculo dele ensaia um recuo. Da sua

boca não sai nem o começo de um oh, desculpe.

Abre a porta, Rose também não se mexe.

Entra. E agora diminui ao máximo os pequenos ruídos naturais, os da chave, os de seus passos. Pega Rose pela mão. Vão até o banheiro. Trepam em dois minutos, ela encostada na pia, ele sem tirar a roupa. Depois, ele abre a porta do banheiro com cuidado. Sai. Torna a fechar. Quando Rose sai do banheiro, a casa está silenciosa e vazia. Ela se veste devagar.

A campainha torna a tocar, ela vai atender. É Gunther, apenas um meio-sorriso pra diferenciar.

“Arno está?”

Neste momento Arno abre a porta da oficina.

“Ah, achei que era você. Você que tocou a campainha ainda há pouco?”

Um pequeno silêncio.

“Foi. Desci, o porteiro falou que você estava, tornei a subir.”

Rose emenda, rápida, estava no banheiro, não deu tempo de atender ao primeiro toque.

RESENHAS

HALLINA BELTRÃO



Ficcional, sim, mas ainda assim uma revolução

Nova edição de *Dez dias que abalaram o mundo* contesta o teor jornalístico desse clássico

Diogo Guedes

Talvez seja impossível entender o que sentiu um russo – principalmente um russo revolucionário – durante a revolução bolchevique que deu origem à União Soviética sem ajuda de John Reed. Em 1917, quando foi enviado pelo jornal socialista *The Masses* para cobrir a efervescente Rússia, o americano já era um experiente repórter, tendo acompanhado a revolução mexicana para escrever o livro *México insurgente*, em 1914. Seu mais famoso trabalho, a reportagem *Dez dias que abalaram o mundo*, publicada em 1919, é essencial para se entender não só o contexto e velocidade do momento histórico russo, mas para se acompanhar a própria evolução do jornalismo. Reed acompanhou com proximidade e parcialidade os acontecimentos que levaram ao levante bolchevique, liderado por Lênin e Trotsky. Desde o primeiro momento, fica claro

que seu compromisso é jornalístico, mas que existe um filtro socialista, que se solidariza com a luta operária e camponesa. Em alguns momentos, a comoção do jornalista americano fica evidente até graficamente no texto, pontuado com exclamações e reticências. A narrativa é encadeada pelo percurso de Reed por Petrogrado e pelo restante da Rússia, pelos discursos e declarações que ouviu de líderes e cidadãos comuns e por documentos, panfletos e jornais. A capacidade do livro de fazer o leitor sentir o ambiente revolucionário se dá justamente nessa junção da experiência documental e pessoal. O livro também traz à tona algumas curiosidades. Nele, fica claro que a revolução bolchevique foi feita principalmente através de pressões e cercos, com conflitos, batalhas e mortes em segundo plano. Além disso, Stalin, ditador da União Soviética

pós-Lênin, é uma mera citação solitária, um personagem quase ausente no momento da revolução – o oposto do seu rival Trotsky, tão importante quanto Lênin no livro de Reed. A obra, lançada pela Companhia das Letras na sua coleção de clássicos, em parceria com a britânica Penguin, tem uma edição primorosa. Mais do que as cerca de 320 páginas da obra, *Dez dias...* é enriquecido com quase 200 folhas de notas do autor, cronologia dos eventos e prefácio, escrito por ninguém menos que Lênin. O principal texto complementar, no entanto, é a introdução do historiador britânico A. J. P. Taylor, de 1964. Apesar de reservar elogios ao autor, chegando a afirmar que “pela primeira vez, um grande tema encontrou um narrador à altura”, Taylor tece fortes críticas históricas a Reed. Segundo o historiador, o americano em alguns momentos usou de fragmentos de conversa

e até imaginou detalhes – o que torna o livro, em boa parte, ficcional. Chega até a causar espanto a presença de uma introdução tão crítica, que chegou a ser rejeitada e só veio a público em 1977. Ainda que com ressalvas, Taylor enaltece esse que é um dos mais completos e importantes textos jornalísticos: “Seu grande mérito foi ter captado o espírito daqueles dias tão arrebatadores”.



REPORTAGEM
Dez dias que abalaram o mundo
Autor: John Reed
Editores: Companhia das Letras
Preço: R\$ 28
Páginas: 504

Mariza
Pontes

NOTAS
DE RODAPÉ

BONS VENTOS

Antologia poética, traduzida por escritores de Pernambuco, recebe homenagem da Espanha

Os escritores Lucila Nogueira, Wellington de Melo e Juan Pablo Martín comemoram a acolhida que a Fundação Miguel Hernández, da Espanha, deu à antologia *Ventos do povo*, lançada pelo Instituto Cervantes e Associação dos Professores de Espanhol de Pernambuco – Apeepe, distribuída em todos os países de língua espanhola. Eles receberam carta de agradecimento pela

tradução para o português dos poemas de Miguel Hernández, contemporâneo de Garcia Lorca e um dos mais importantes da sua geração. Autodidata, Hernández usava uma linguagem crua e singela para defender o povo. Lutou na Guerra Civil espanhola e morreu numa das prisões de Franco. Pouco conhecido no Brasil, o poeta espanhol só teve uma edição brasileira, em 1995.

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



Diante de cenas ao meio

O conceito aplicado na fotografia de que é o olhar do autor que recorta o mundo através de suas lentes (retina, máquina e imaginação), deveria ser estendido também ao trabalho do contista. Isso porque, nos 40 contos de Diógenes Moura, assuntos cotidianos como violência, sexo e solidão (com uma permanente dose de ironia) são relatados e interrompidos bruscamente, o que os aproximam – assim como sugere o subtítulo – de uma sessão de curtas-metragens, escolhidos por lentes que nem sempre bastam ao espectador. Quem julga a escrita dos contos como “fáceis” por serem breves e concisos, se espanta com a condução dos contos aqui reunidos: o pretexto da realidade é apenas o início do recorte do autor, que deslancha, a cada página, entre cenas ficcionais e documentais. No glossário, Moura expõe as supostas situações

em que cada um dos contos (nomeados por números) foi escrito: *Vinte e cinco: Sábado, 11h45: Rua dos Andrades, região por onde vive o povo do crack, em São Paulo. Vinte e sete: De como mataram Marilyn Monroe a partir das fotografias de Bert Stern.* Inspiração ou inventividade? **(Raquel Monteath)**



CONTOS
<i>Ficção interrompida</i>
Autor: Diógenes Moura
Editora: Ateliê Editorial
Preço: R\$ 36
Páginas: 114

DELMO MONTENEGRO



Variações do meu “eu”

O poeta pernambucano de Ouricuri ousa, em seu primeiro romance, nos desafiar com um personagem audaz e de nome peculiar, Joseph Língua. No prólogo, a explicação do enredo: um poeta desabrigado entrega seu “relato de viagem” a um repórter que, na incubência de dar um melhor desfecho aos originais, vende-os a um editor. Em uma de suas curiosas errâncias, Joseph indaga ao filósofo Platão sobre haver um refúgio numa “República da Poesia”. Recebendo a negativa, é instigado a redigir o “Manifesto ao Deus Dará”, sobre o descaso com a classe trabalhista dos poetas. A viagem do anti-herói, que atravessa o mundo das ideias e das palavras em busca de um reconhecimento (por fim, uma crítica), é vista na ousadia do linguajar, que soa, por vezes, como se relatasse as dificuldades vividas

pelos poetas recifenses, possíveis resquícios da vivência do autor como sebista durante os anos 1970. O paralelo entre o escritor errante (Joseph) e o poeta “licenciado” (Américo) nos faz pensar, invariavelmente: o romance é mais um caso agudo de alter-ego **(Raquel Monteath)**



COMUNICAÇÃO
<i>Viagem de Joseph Língua</i>
Autora: Pedro Américo de Farias
Editora: Ateliê Editorial
Preço: R\$ 27
Páginas: 120

PRATELEIRA

A SENSACÃO DE SETEMBRO - OPERETA TROPICAL

Protagonistas egressos dos anos dourados buscam o prazer, a segurança e o triunfo, envolvendo-se numa louca aventura existencial, no final dos anos 1960. A obra de Marcos Rey utiliza a ironia, a linguagem coloquial e uma trama urbana bem urdida, como recursos para estimular a leitura, reunindo todos os ingredientes de uma grande sátira social. Os personagens são extravagantes, desajustados ou sensuais, mas todos têm um traço em comum: sempre sonham alcançar o que parece impossível. O romance picaresco, descontraído, foge aos ditames de uma literatura bem comportada e busca, principalmente, entreter.



Autor: Marcos Rey
Editora: Global
Páginas: 166
Preço: R\$ 29

A DITADURA JOGADA NO LIXO – TESTEMUNHO JORNALÍSTICO DA RETOMADA DEMOCRÁTICA

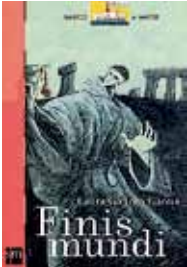
Série de reportagens feitas pelo jornalista Sérgio Augusto Silveira para o jornal *Diário de Pernambuco*, entre o final dos anos 1970 e meados da década de 1980, um dos períodos mais tensos da história recente do Brasil, que antecedeu a extinção do regime ditatorial. Os lances do xadrez político do momento são retratados pelo repórter, em suas matérias diárias, que viriam a se tornar documentos históricos da política brasileira. O autor analisa o processo brasileiro de redemocratização, a partir dos acontecimentos em Pernambuco.



Autor: Sérgio Augusto Silveira
Editora: Magis-Assessoria e Pesquisa
Páginas: 503
Preço: R\$ 50

FINIS MUNDI

Na linha da literatura fantástica, a obra, dirigida ao público jovem, apresenta Michel, um monge de 16 anos que, segundo uma antiga profecia, é a única pessoa capaz de salvar o mundo da destruição, na passagem do ano 1000. Para isso ele precisa de três amuletos poderosos: os olhos do Passado, do Presente e do Futuro. O monge Michel também conta com a ajuda dos amigos Lúcia e Mattius, com os quais se envolve numa longa jornada, lutando para impedir a catástrofe que dizimaria a humanidade.



Autora: Laura Gallego Garcia
Editora: SM
Páginas: 274
Preço: R\$ 28

UM BEIJO PARA OS CROCODILOS

O livro do poeta Almir Castro Barros traz jogos de linguagem, construções e desconstruções, rimas e sentidos dúbios, marcando seus versos. Almir faz experimentações linguísticas, brincando com as palavras, num desvario criativo e repleto de emotividade. Beirando o terreno íngreme do desregramento, *Um beijo para os crocodilos* aponta os perigos que rondam quem ousa mesclar emoção e forma em versos lúdicos e enigmáticos.



Autor: Almir Castro Barros
Editora: 7Letras
Páginas: 98
Preço: R\$ 25

AMPLIAÇÃO

O *Café Cultural da Fafire* agora vai além da literatura

Após um ano promovendo papos com escritores e poetas, o *Café Cultural da Fafire* amplia sua área de atuação, para incluir temas além da literatura. Ideia do professor e escritor Alexandre Furtado, o *Café Cultural*, criado em 2009, já promoveu cerca de quinze eventos, por onde circularam mais de duas mil pessoas nas mesas itinerantes de discussão. Este ano, o programa também deve participar da *VIII Bienal Internacional do Livro*.

CARNAVAL ZEN

Escritores e poetas são convocados a se concentrar

O Bloco Anárquico Zen Budista FreePorto comemora um ano de criação convocando escritores, poetas e artistas em geral para a grande concentração do Carnaval de 2011. Organizado por Artur Rogério, Wellington de Melo e Bruno Piffardini, o bloco se concentra na Rua da Moeda, durante a folia, e não arreda pé dos botecos: o “desfile” dos integrantes limita-se a perambular de bar em bar, de mesa em mesa...

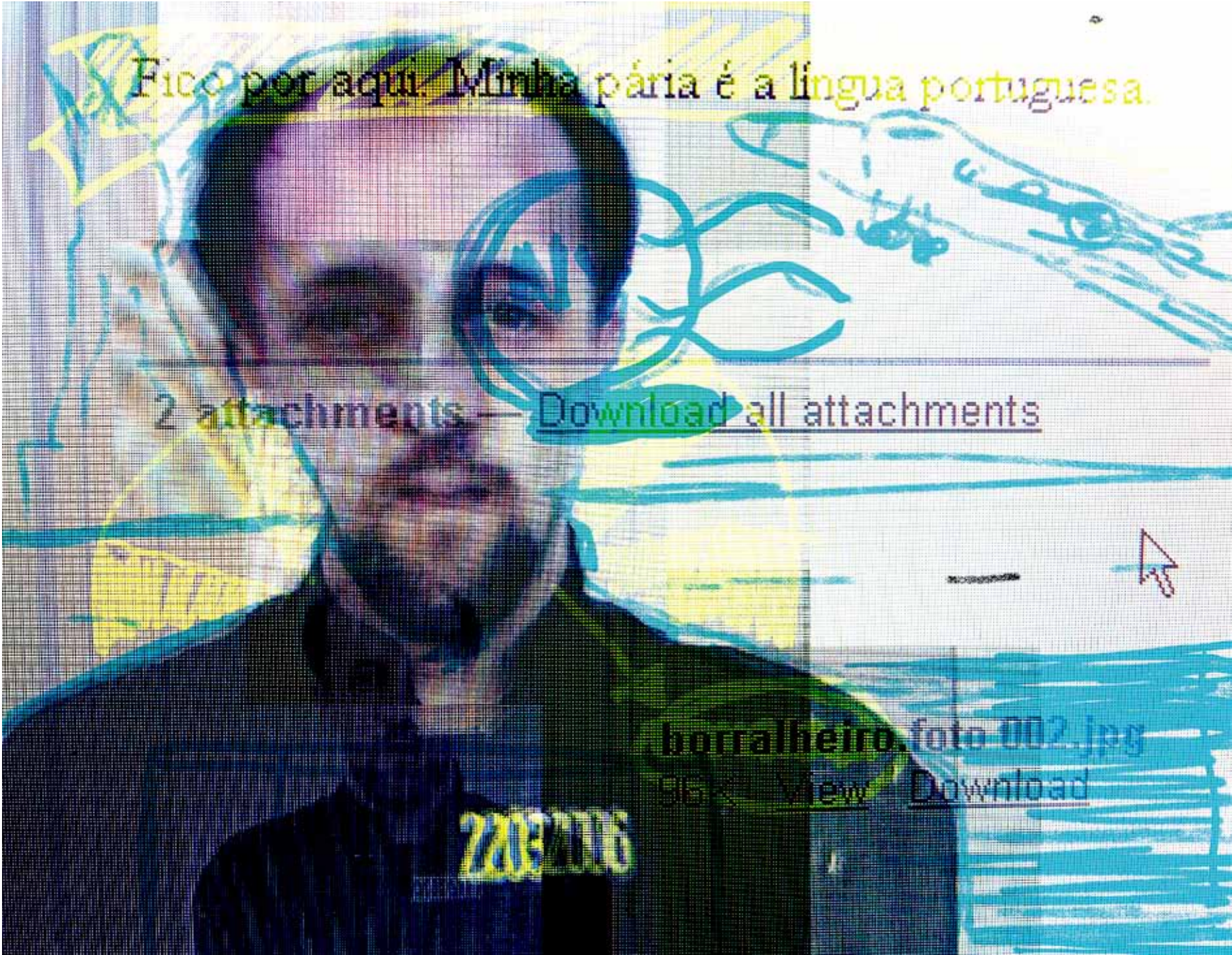
COLOMBO

Programa radiofônico discute literatura

Livros e ideias é o tema do *Café Colombo*, programa radiofônico transmitido, para Pernambuco, pela Rádio Universitária FM (99.9 Mhz), todos os domingos, das 14h às 14h30, com reapresentação às segundas, das 20h às 20h30m. Os ouvintes podem sugerir assuntos e escritores, indicar livros, CD ou DVD para serem comentados. Também podem enviar contos, crônicas, poesias e artigos.

CRÔNICA
Fabrício Carpinejar

Só sobre minha foto de morto



FLÁVIO PESSOA

Toda fotografia é um arrependimento, por isso tiramos tantas. Negociamos o descontentamento pela quantidade.

Sou obcecado pela pose, natural de quem é feio e procura se perdoar nos defeitos dos outros.

Uma de minhas pirações é remexer o baú de casa para definir qual é a imagem de morto de meus parentes. Existe uma foto de morto quando a pessoa ainda está viva. Representa a foto definitiva, que sairá no anúncio fúnebre ou na lápide. Depois de seu clique, a morte recusa liminar.

Será a nossa efígie, nosso símbolo alfa- numérico, nosso hieróglifo.

Che Guevara, por exemplo, morreu mesmo ao se deixar fotografar por Alberto Korda em 5 de março de 1960, em Havana. Aquele famoso retrato, Guerrilheiro Heroico, que estampa hoje desde camisetas até calcinhas, foi a emboscada fatal dos seus traços.

Já posso ter minha foto de finado. Analiso com cuidado os álbuns, examino as olheiras, levanto com paixão o véu dos rostos das páginas.

Minha escolha é feita a partir de três itens: caráter, estoicismo e determinação. Privilegio a cena que esteja encarando a máquina, como um toureiro ferido, antevendo o pior e não se acovardando. Os olhos firmemente abertos, porém com as pálpebras pesadas, numa imobilidade curiosa de ostra.

A antecipação demonstra o receio pela boa vontade dos familiares. Não me ajudam a procurar nenhuma comprovante de conta na gaveta, duvido que se prontifiquem a perseguir o melhor perfil e ângulo.

Mas estou em dúvida. Há critérios extra oficiais.

A foto também depende de como morri. Em caso de atropelamento, costuma ser a da identidade, a que estava no plástico sujo da carteira. Nada mais anônimo do que o fundo neutro e as sobranceiras tristes de funcionário público.

Ao me perder em acidente de trânsito, é provável que se utilize a da carteira de motorista. Com afronta orgulhosa das pupilas, estrelas de espora. O homem parece um caubói ao ser aprovado no exame de habilitação.

Vítima de crime hediondo, a tradição é recorrer à chantagem da formatura. Para aumentar a injustiça: cara com futuro brilhante e desaparecido em algum matagal. Ou com a família numa praia, acentuando o contraste da felicidade passada com o ressentimento atual.

Se eu fosse uma celebridade, seria numa suruba flutuante, com a careta bêbada no iate, a língua para fora, retardado. Uma vingança invejosa ao sucesso.

Raramente são aproveitados os flagrantes líricos da infância.

A tentativa é sempre publicar a mais recente ou a mais acessível. E também porque ninguém entenderia o que aquela criança fazia dentro do rosto daquele barbudo.

O que não gostaria é que fosse aproveitada a foto do passaporte. É a mais chinelona de todas. É abominável. Atinei de estrear um quimono preto. O que atravessou minhas têmporas naquele dia para inaugurar uma roupa oriental com minha fisionomia de vendedor turco? Custava abrir uma exceção e vestir uma camisa polo, algo agradável, simpático, discreto, de almoço no sogro?

Desejava mostrar que era cosmopolita, multicultural, atento às tendências e saí vestido de bairro Liberdade. Eu mesmo me fichei. Quimono em mim é pijama. Não nasci para seda.

O rosto anguloso, o nariz adunco e a boca miúda têm ternura talibã. É acentuar a suspeita. Qualquer neto de italiano e descendente de árabe será indiciado com um quimono. Ou é um traveco ou um terrorista. Ou um traveco terrorista.

Como passarei pela revista da alfândega de Nova York? Que esperança, jamais conseguirei o visto da embaixada. Eu sou a arma química. Eu me explodi antes da hora.

Fico por aqui. Minha pária é a língua portuguesa.

SOBRE O AUTOR

Fabrício Carpinejar é poeta, cronista e autor de *Cinco Marias* e *Canalha!*, entre outros